



**INSTITUTO LATINO-AMERICANO DE ECONOMIA,  
SOCIEDADE E POLÍTICA (ILAESP)**

**LICENCIATURA FILOSOFIA**

**POR UMA FILOSOFIA CRÍTICA PARA CRIANÇAS NA AMÉRICA - LATINA:  
APONTAMENTOS PARA O ENSINO DE UMA FILOSOFIA DECOLONIAL**

**ITANEEM CELESTE DE OLIVEIRA SANTANA**

Foz do Iguaçu

2023



**INSTITUTO LATINO-AMERICANO DE ECONOMIA,  
SOCIEDADE E POLÍTICA (ILAESP) - LICENCIATURA  
FILOSOFIA**

**POR UMA FILOSOFIA CRÍTICA PARA CRIANÇAS NA AMÉRICA LATINA:**

APONTAMENTOS PARA O ENSINO DE UMA FILOSOFIA DECOLONIAL

**ITANEEM CELESTE DE OLIVEIRA SANTANA**

Trabalho de Conclusão de Curso  
apresentado ao Instituto Latino-Americano  
de Economia, Sociedade e Política da  
Universidade Federal da Integração  
Latino-Americana, como requisito parcial à  
obtenção do título de Licenciatura Filosofia

Orientador: Prof<sup>ª</sup>. Dr<sup>ª</sup>. Patrícia Nakayama

Foz do Iguaçu

2023

ITANEEM CELESTE DE OLIVEIRA SANTANA

**POR UMA FILOSOFIA CRÍTICA PARA CRIANÇAS NA AMÉRICA LATINA:**

APONTAMENTOS PARA O ENSINO DE UMA FILOSOFIA DECOLONIAL

Trabalho de Conclusão de Curso  
apresentado ao Instituto Latino-Americano  
de Economia, Sociedade e Política da  
Universidade Federal da Integração  
Latino-Americana, como requisito parcial à  
obtenção do título de Licenciatura Filosofia.

**BANCA EXAMINADORA**

---

Orientadora: Prof<sup>a</sup>. Dr<sup>a</sup>. PATRÍCIA NAKAYAMA  
(UNILA)

---

Prof<sup>a</sup>. Dr<sup>a</sup>. JULIANA FRANZI  
(UNILA)

---

Prof. Dr. MIGUEL ANTONIO AHUMADA CRISTI  
(UNILA)

Foz do Iguaçu, \_\_\_\_\_ de \_\_\_\_\_ de \_\_\_\_\_.

*Dedico este trabalho à  
Tatiana, minha mãe e amiga,  
minha base e inspiração. O  
maior exemplo de educadora,  
que me ensinou o valor do  
saber e do sonhar desde que  
eu me conheço por gente.*

## AGRADECIMENTOS

Eita, calma, caiu um cisco bem aqui... Agradeço a todas as pessoas que contribuíram para a realização deste trabalho. Em especial, à minha querida mãe Tatiana de Oliveira, que está sempre presente, com conselhos, puxões de orelha e gargalhadas, to aqui a vários e vários estados longe do meu estado, e de minha mãe, sentindo falta dos abraços calorosos, mas estou feliz, por estar construindo as estradas do meu caminhar. Agradeço também aos meus irmãos Benício de Oliveira, Italo Caê e minha irmã Juliana Abbade, obrigada por existirem.

À minha orientadora, pela paciência, confiança e palavras gentis, que tiveram grandes impactos para seguir na escrita, sem sua orientação não teria conseguido. Aos professores, que sem saber contribuíram e me possibilitaram outras perspectivas. Agradeço aos meus colegas de curso, que compartilharam comigo as angústias e as alegrias universitárias, Fernanda Marinho, Ricardo Kuala, não sou boa em manter vínculos, mas tenho grande carinho e admiração por vocês.

Obrigada “amizades”, Alana Mathes, Allan Miranda e Cristiane Rodrigues, pelos copos americanos meio cheios, pelas comidinhas gostosas, pelas conversas caóticas (que sempre renderam boas risadas e muitas vezes choros rs) e minha querida comadre Lua Queiroz, por se fazer presente mesmo a milhas e milhas de distância, me apoiando e incentivando. Obrigada por serem mutáveis, por saberem lidar com carinho, amor e paciência com essa jovem senhora que vos fala. Se esse processo tivesse que ser vivido novamente, diria que só seria possível com a ajuda de vocês, com o companheirismo, conversas de mesa de bar e solidariedades. Obrigacias por tudo.

Que seja a passagem para um novo tempo!

SANTANA, Itaneem Celeste de Oliveira. Por uma filosofia crítica para crianças na América - Latina: apontamentos para o ensino de uma filosofia decolonial. 2023. Trabalho de Conclusão de Curso. Licenciatura em Filosofia – Universidade Federal da Integração Latino-Americana, Foz do Iguaçu, 2023.

## RESUMO

O presente trabalho aborda a importância de um ensino de filosofia decolonial voltado para crianças, que leve em consideração a diversidade de saberes e experiências existentes. A abordagem filosófica com crianças deve buscar não apenas o desenvolvimento de habilidades lógicas, mas também a conscientização, a transformação social e a formação de cidadãos ativos e reflexivos desde a infância. É necessário repensar a forma como concebemos o ensino de filosofia, considerando os saberes prévios dos estudantes e as múltiplas formas de conhecimento presentes em suas comunidades. A educação libertadora e problematizadora proposta por Paulo Freire nos convida a buscar uma abordagem pedagógica que estimule a reflexão crítica, o questionamento das estruturas de opressão e a ação autônoma. A partir dessas bases teóricas, são realizadas críticas ao projeto de *Filosofia para crianças* proposta por Matthew Lipman que não considera as questões decoloniais e se mantém neutro e descontextualizado dos problemas sociais. Portanto, argumenta-se que uma filosofia crítica para crianças na América Latina deve ir além do desenvolvimento de habilidades reflexivas da filosofia analítica de Lipman. Essa abordagem deve levar em consideração as perspectivas de Paulo Freire e Frantz Fanon, problematizando a pretensa universalidade de Lipman e valorizando a diversidade e a pluralidade de vozes.

**Palavras-chave:** filosofia para crianças; infância; decolonialidade; Fanon; Lipman.

SANTANA, Itaneem Celeste de Oliveira. Por una filosofía crítica para niños y niñas em Brasil: apuntes para la enseñanza de una filosofía decolonial. 2023. Trabajo de Conclusión de Curso. Licenciatura em Filosofia - Universidade Federal da Integração Latino-Americana, Foz do Iguaçu, 2023.

## RESUMEN

El presente trabajo aborda la importancia de la enseñanza de la filosofía decolonial dirigida a los niños y niñas, que tenga en cuenta la diversidad de conocimientos y experiencias existentes. El enfoque filosófico con los niños y niñas debe buscar no solo el desarrollo de habilidades lógicas, sino también conciencia, transformación social y formación de ciudadanos activos y reflexivos desde la infancia. Necesitamos repensar la forma en que concebimos la enseñanza de filosofía, considerando los conocimientos previos de los estudiantes y las múltiples formas de conocimientos presentes en sus comunidades. La educación liberadora y problematizadora propuesta por Paulo Freire nos invita a buscar un enfoque pedagógico que estimule reflexión crítica, cuestionamiento de estructuras de opresión y acción autónoma. A partir de estas bases teóricas, se realizan críticas al proyecto de *Filosofía para niños* propuesto por Matthew Lipman, quien no considera las cuestiones decoloniales y se mantiene neutral y descontextualizados de los problemas sociales. Por lo tanto, se argumenta que una filosofía crítica para los niños y niñas en América Latina debe ir más allá del desarrollo de las habilidades reflexivas de la filosofía analítica de Lipman. Este enfoque debe tener en cuenta las perspectivas de Paulo Freire y Frantz Fanon, cuestionando la supuesta universalidad de Lipman y valorando la diversidad y la pluralidad de voces.

**Palabras-clave:** filosofía para niños y niñas; infancia; decolonialidad; Fanon; Lipman.

SANTANA, Itaneem Celeste de Oliveira. For a critical philosophy for children in Brazil: notes for the teaching of a decolonial philosophy. 2023. Course completion work. Licentiate in Philosophy – Federal University of Latin American Integration, Foz do Iguaçu, 2023.

### ABSTRACT

This study addresses the importance of decolonial philosophy teaching for children, taking into account the diversity of human knowledge and experiences. The philosophical approach with children should seek not only the development of logical skills, but also awareness, social transformation and the formation of active and reflective citizens since childhood. It is necessary to rethink the way we conceive the teaching of philosophy, considering the students' previous knowledge and the multiple forms of knowledge present in their communities. The liberating and reflective education proposed by Paulo Freire invites us to seek a pedagogical approach that stimulates critical reflection, the questioning of the structures of oppression and autonomous action. From these theoretical bases, criticism is made to the project of *Philosophy for Children* proposed by Matthew Lipman that does not consider decolonial issues and remains neutral and decontextualized from social problems. Therefore, this study argues that a critical philosophy for children in Latin America must go beyond the development of reflexive skills of Lipman's analytical philosophy. Such an approach should take into account the perspectives of Paulo Freire and Frantz Fanon, problematizing Lipman's supposed universality and valuing diversity and plurality of voices.

**Key words:** philosophy for children; childhood; decoloniality; Fanon; Lipman.



## SUMÁRIO

|  |           |
|--|-----------|
| <b>SUMÁRIO</b>   | <b>9</b>  |
| <b>1. INTRODUÇÃO</b>   | <b>10</b> |
| <b>2. APARANDO AS ARESTAS DA DISCUSSÃO</b>   | <b>14</b> |
| 2.1. A IMPORTÂNCIA DA FILOSOFIA DA EDUCAÇÃO FREIRIANA NA FORMAÇÃO DO EDUCADOR DE FILOSOFIA PARA CRIANÇAS | 15        |
| 2.2. REVISITANDO A INFÂNCIA: UMA REFLEXÃO SOBRE A CONSTRUÇÃO SOCIAL E CULTURAL DA CRIANÇA                | 19        |
| 2.3. DESCONSTRUINDO O PENSAMENTO COLONIAL SOBRE EDUCAÇÃO, INFÂNCIA E FILOSOFIA                           | 22        |
| <b>3. APONTAMENTOS GERAIS SOBRE A PRODUÇÃO DIDÁTICA DE FILOSOFIAS PARA CRIANÇAS NA AMÉRICA - LATINA</b>  | <b>25</b> |
| 3.1. MATHEW LIPMAN   | 25        |
| 3.1.1 NOVELAS FILOSÓFICAS  | 30        |
| 3.2. WALTER OMAR KOHAN E A EDUCAÇÃO  | 33        |
| 3.3. COLEÇÃO FILOSOFINHOS  | 35        |
| 3.3.1. O FILÓSOFO FRANTZ FANON E TEMISTOCLEIA NA COLEÇÃO FILOSOFINHOS                                    | 41        |
| <b>4. POR UM ENSINO DE FILOSOFIA DECOLONIAL PARA CRIANÇAS</b>  | <b>43</b> |
| <b>5. CONCLUSÕES E APONTAMENTOS PARA O FUTURO</b>  | <b>60</b> |
| <b>6. BIBLIOGRAFIA</b>   | <b>63</b> |

## 1. INTRODUÇÃO

A experiência como educadora, e meu fascínio pela infância reforçam a necessidade filosófica de estudar o tema de filosofia decolonial para crianças. É uma oportunidade de despertar mentes criativas, críticas e transformadoras, que podem contribuir para a construção de uma sociedade mais justa, plural e respeitosa com a diversidade de saberes e experiências existentes em nossa América Latina.

As crianças são seres curiosos, curiosos e ávidos por compreender o mundo que as cerca. É nesse espaço de encantamento e abertura que a filosofia decolonial encontra solo fértil. Ao fornecer a elas ferramentas para questionar as estruturas opressivas, as narrativas dominantes e os estereótipos que permeiam nossa sociedade, estamos construindo alicerces sólidos para uma transformação profunda e duradoura.

Como educadora, percebo a importância de cultivar a autoestima e a identidade das crianças desde cedo. Ao estudar filosofia decolonial, elas são convidadas a se reconhecerem como sujeitos ativos na construção do conhecimento e como portadores de histórias, tradições e saberes valiosos. Isso fortalece sua autoconfiança, sua conexão com suas raízes culturais e sua capacidade de se posicionar diante dos desafios da vida.

Através do meu fascínio pela infância, compreendo que esse período é de extrema importância para a formação dos indivíduos. É nessa fase que as bases do pensamento crítico, da consciência social e da ética são protegidas. Ao introduzir a filosofia decolonial nesse contexto, estamos investindo na formação de cidadãos conscientes, capazes de questionar as estruturas de poder, combater as desigualdades e contribuir para a construção de um mundo mais equitativo.

Portanto, no decorrer desta escrita, buscaremos explorar a importância de um ensino de filosofia decolonial voltado para crianças, levando em consideração a diversidade de saberes e experiências existentes. Questionamos a universalidade das bases do pensamento filosófico apresentadas por Lipman, reconhecendo a necessidade de uma abordagem que vá além das fronteiras impostas pelo pensamento eurocêntrico.

Para justificar a importância dessa abordagem, recorreremos principalmente aos pensamentos de Paulo Freire e Frantz Fanon, um dos conceitos de Freire é o chamado *saber experiência feito* parte do pressuposto de que o conhecimento não é algo estático ou transmitido de forma passiva, mas sim construído a partir das experiências vividas pelos indivíduos. Segundo Freire, cada pessoa traz consigo um acervo de vivências e saberes que são fundamentais para a construção do conhecimento.

Valorizar a pluralidade de experiências e epistemologias é essencial para criar espaços de reflexão e aprendizado que permitam às crianças uma compreensão crítica do mundo

É necessário repensar a forma como concebemos o ensino de filosofia, considerando os saberes prévios dos estudantes, suas experiências de vida e as múltiplas formas de conhecimento presentes em suas comunidades. A abordagem filosófica com crianças deve buscar não apenas o desenvolvimento de habilidades lógicas, mas também a conscientização, a transformação social e a formação de cidadãos ativos e reflexivos desde a infância

A filosofia para crianças não pode ser vista como uma prática isolada, mas sim como parte de um processo educativo mais amplo, que promova a inclusão, a valorização da diversidade cultural e epistêmica e a construção de uma sociedade mais justa. A educação libertadora e problematizadora proposta por Freire nos convida a romper com os paradigmas dominantes e a buscar uma abordagem pedagógica que estimule a reflexão crítica, o questionamento das estruturas de opressão e a ação autônoma.

Ao considerar a infância como um terreno fértil para o exercício filosófico, podemos explorar as possibilidades do pensamento, incentivar a curiosidade, a criatividade e a busca por alternativas. A infância é o reino das possibilidades e da ausência de determinação e a filosofia nos convida a olhar para além das certezas, a questionar o estabelecido e a explorar os horizontes do pensamento.

A partir dessas reflexões, podemos concluir que um ensino de filosofia decolonial voltado para crianças deve levar em consideração as perspectivas de Freire, Fanon e outros pensadores que nos convidam a valorizar os saberes tradicionais, reconhecer as desigualdades e as injustiças presentes.

Em uma análise filosófica, ao considerarmos três autores distintos - Paulo Freire, Frantz Fanon e Matthew Lipman - torna-se indispensável reconhecer as suas diferentes abordagens e posicionamentos, a fim de compreender e conectar suas perspectivas de maneira mais

Matthew Lipman, por outro lado, é associado a uma perspectiva liberal no campo da filosofia para crianças. Ele desenvolveu um programa de ensino de filosofia baseado no pensamento anglo-saxão, que busca cultivar habilidades cognitivas e de pensamento crítico. Mathew Lipman é reconhecido como um dos principais teóricos da filosofia para crianças, desenvolvendo um programa que visa estimular um determinado

pensamento crítico e o diálogo por meio de histórias e discussões filosóficas. Sua abordagem enfatiza a importância do pensamento lógico e da razão, contribuindo para o desenvolvimento de habilidades críticas e criativas nas crianças. No entanto, é importante considerar as possíveis limitações dessa abordagem, especialmente em relação à sua universalidade e à necessidade de contemplar a diversidade cultural e as relações de poder presentes nas sociedades.

Nesse sentido, as ideias de Paulo Freire emergem como um contraponto significativo. Freire propõe uma educação libertadora, baseada no diálogo, na valorização das experiências de vida dos estudantes e na construção coletiva do conhecimento. Sua obra busca capacitar os oprimidos, promovendo uma educação libertadora que os habilite a questionar e transformar a realidade opressora em que vivem. Sua perspectiva pedagógica enfatiza a conscientização crítica dos estudantes e a transformação das estruturas sociais opressivas. Ao trazer o conhecimento produzido a partir das vivências das pessoas, Freire propõe uma abordagem que vai além das tradições filosóficas estabelecidas, englobando diferentes formas de conhecimento e experiências culturais.

Walter Omar Kohan, por sua vez, apresenta uma abordagem específica para a filosofia com crianças. Embora critique Lipman, segue as suas principais diretrizes. Sua proposta busca estimular a imaginação e a criatividade, situando a reflexão filosófica em situações cotidianas. Kohan destaca a importância de abordar questões sociais e políticas de forma crítica, visando uma perspectiva transformadora. Dessa forma, suas ideias ampliam o horizonte da filosofia para crianças, trazendo uma visão que busca conectar a filosofia com a realidade vivenciada pelas crianças.

Frantz Fanon, por sua vez, é um psicólogo e revolucionário que aborda questões relacionadas à descolonização, à luta anticolonial e ao impacto psicológico da opressão sobre as pessoas colonizadas. A perspectiva decolonial de Frantz Fanon, por sua vez, embora não tenha escrito para crianças, oferece uma crítica radical ao colonialismo e ao racismo, propondo a descolonização tanto do pensamento quanto das estruturas sociais. Fanon destaca a importância de se questionar as normas impostas e as relações de poder, buscando uma visão que valorize a diversidade cultural e promova a justiça social. Sua perspectiva decolonial desafia as narrativas dominantes e busca ampliar o espaço para outras tradições filosóficas e conhecimentos produzidos em contextos culturais diversos.

Embora cada autor tenha suas próprias contribuições significativas, é importante reconhecer e tratar das diferenças entre suas abordagens. Enquanto Freire e Fanon enfatizam a libertação, a conscientização e a transformação social, Lipman se concentra no desenvolvimento cognitivo e na promoção do pensamento crítico por meio da filosofia.

Essas diferenças epistemológicas e ideológicas não podem ser negligenciadas. Ao abordar a obra desses autores, é necessário considerar suas perspectivas distintas e as diferentes tradições filosóficas e teóricas às quais estão associados. Somente através dessa análise respeitosa é possível compreender e conectar suas ideias de forma mais clara e coerente.

Buscaremos compreender de que forma esses diferentes enfoques podem contribuir ou não para uma abordagem mais inclusiva, crítica e decolonial da filosofia no contexto educacional. Ao explorar as convergências e divergências entre esses teóricos, pretendemos promover uma reflexão ampliada sobre o ensino de filosofia.

A partir de um contexto em que a diversidade cultural é muitas vezes desvalorizada e estereotipada, é imprescindível que uma filosofia para/com crianças leve em consideração a multiplicidade de perspectivas e saberes presentes em cada contexto social. Nesse sentido, a desconstrução dos estereótipos e preconceitos é um dos conceitos que podem ser trabalhados no ensino de uma filosofia decolonial para crianças. Ao serem estimuladas a refletir criticamente sobre as desigualdades presentes em nossa sociedade, se tornam agentes transformadores e conscientes da importância da luta por uma sociedade mais justa e igualitária.

A partir de uma perspectiva decolonial de ensino filosófico, é importante avaliar se a abordagem de Lipman é universal e aplicável a todas as culturas. O método de ensino de Lipman, por exemplo, é centrado em histórias e diálogos que refletem a tradição filosófica analítica anglo-saxã, o que pode levar a uma subestimação da riqueza e diversidade de outras tradições filosóficas e, conseqüentemente, a uma marginalização da filosofia produzida em outros contextos culturais.

Uma visão decolonial de filosofia para crianças envolve uma abordagem crítica mais ampla que a empregada pela filosofia analítica e questiona as estruturas de poder que moldam as formas como pensamos e agimos no mundo. Essa abordagem busca descolonizar a mente das crianças, desafiando as narrativas dominantes que reforçam a hierarquia de conhecimento e a superioridade cultural de alguns grupos em relação a outros.

A compreensão crítica da história e das relações de poder também são conceitos relevantes a serem trabalhados no ensino de filosofia. As crianças devem ser encorajadas a refletir sobre o papel da história e das narrativas no processo de construção de identidades e relações sociais, bem como sobre as dinâmicas de poder presentes nas relações sociais.

A promoção do diálogo e do pensamento crítico também são conceitos fundamentais na filosofia crítica para crianças. As crianças devem ser incentivadas a se expressar e a ouvir diferentes perspectivas, de forma a desenvolver a capacidade de diálogo e de escuta ativa. Além disso, deve-se estimular o desenvolvimento do pensamento crítico para além da lógica, ou seja, da capacidade de analisar de forma reflexiva a realidade político-social e de questionar as verdades protegidas.

É importante destacar que a filosofia crítica para crianças pode ser vista como um instrumento de libertação e empoderamento, capaz de contribuir para a formação de indivíduos autônomos e capaz de agir de forma transformadora.

A filosofia é uma área do conhecimento que busca compreender a realidade, a partir do questionamento e da reflexão crítica sobre o mundo. Na educação, a filosofia pode ser utilizada como uma ferramenta para desenvolver a capacidade de pensar criticamente e questionar as estruturas sociais, políticas e culturais em que estamos inseridos.

## **2. APARANDO AS ARESTAS DA DISCUSSÃO**

A educação é uma ferramenta poderosa para a construção de uma sociedade mais justa, pela qual a filosofia desempenha um papel fundamental nesse processo. No entanto, muitas vezes (para não generalizar algo já generalizado) o ensino de filosofia é feito a partir de uma perspectiva eurocêntrica, que ignora a diversidade cultural e as experiências de outros povos e culturas. Por isso, é necessário adotar uma abordagem decolonial no ensino da filosofia, especialmente para crianças.

Entendemos a decolonialidade como um convite à reflexão filosófica que transcende as fronteiras do pensamento ocidental e nos convida a repensar as estruturas de poder e dominação que permeiam nossas sociedades. É uma abordagem crítica que busca dismantelar as bases coloniais do conhecimento, reconhecendo as múltiplas formas de existência e conhecimento que foram historicamente subalternizadas.

Ao apresentarmos a filosofia decolonial para crianças, estamos contribuindo para a construção de uma sociedade mais inclusiva e respeitosa, que valoriza a

diversidade e pluralidade de saberes. Estaremos também ajudando às crianças a desenvolverem uma visão crítica do mundo, para que seja possível questionar valores e normas que muitas vezes são naturalizados e reforçados constantemente pela sociedade. Devemos reconhecer que as crianças possuem saberes e conhecimentos próprios, que são sistematicamente negligenciados por uma cultura adultocêntrica<sup>1</sup>. Ao apresentarmos a filosofia decolonial para crianças, estamos valorizando a experiência e a capacidade delas em construir conhecimentos e visões de mundo próprias.

O ensino de filosofia decolonial para crianças não é uma tarefa simples, mas extremamente necessária. Devemos estar empenhados, como educadores, em construir práticas educativas que valorizem os saberes das crianças. A filosofia, a partir de uma perspectiva decolonial, possibilita a reflexão sobre essas questões e a construir uma visão mais inclusiva e respeitosa da infância e da educação.

## 2.1. A IMPORTÂNCIA DA FILOSOFIA DA EDUCAÇÃO FREIRIANA NA FORMAÇÃO DO EDUCADOR DE FILOSOFIA PARA CRIANÇAS

No encontro fecundo entre a obra "Pedagogia do Oprimido" de Paulo Freire e o ensino de filosofia decolonial direcionado às mentes infantis, mergulhamos nas águas profundas do entendimento, compreendendo a essencialidade de uma abordagem pedagógica que abrace a multiplicidade de saberes e vivências que permeiam nossa existência. Neste percurso, ousamos questionar a pretensa universalidade das bases do pensamento filosófico aprovado por Lipman, cientes da imperiosa necessidade de uma incursão para além das fronteiras impostas pelo pensamento eurocêntrico.

A obra freireana, em sua gênese, almeja emancipar os oprimidos por meio da educação, desvelando as dinâmicas de opressão presentes nas estruturas sociais e pedagógicas. Propõe uma pedagogia libertadora, em que o conhecimento não é uma dádiva imposta, mas uma construção coletiva, permeada pelo diálogo e pela reflexão crítica. Nesse contexto, uma filosofia decolonial emerge como uma ferramenta potente, capaz de desconstruir as narrativas hegemônicas e de resgatar as vozes silenciadas das diferentes tradições culturais e epistemológicas.

---

<sup>1</sup> Para Cavalcante (2021), adultocentrismo é um conceito oriundo da sociologia da infância, que tem por base a ideia de que a sociedade em suas diversas dimensões se organiza a partir da figura do adulto.

Ao trazer tal perspectiva para o ensino de filosofia direcionado às crianças, vislumbramos a necessidade de abraçar e celebrar a riqueza da diversidade de saberes e experiências existentes. Uma filosofia decolonial, que visa transcender a hegemonia eurocêntrica, nos convoca a questionar a universalidade das bases do pensamento filosófico aprovado por Lipman, cuja matriz anglo-saxã restringe e marginaliza outras formas de conhecimento e sabedoria.

A pedagogia proposta por Freire, com sua ênfase na conscientização, problematização e práxis, fornece uma base sólida para tal abordagem. Ao empoderar as crianças para que se tornem agentes de transformação social, essa pedagogia promove um ambiente educacional no qual as diferentes perspectivas filosóficas e saberes são valorizados e respeitados. Nesse contexto, as crianças são convidadas a pensar criticamente, a questionar as estruturas opressoras e a coconstruir novos caminhos de conhecimento e libertação.

A presença da filosofia na educação fundamental é relativamente recente e, certamente, o mérito deve-se em grande parte a Matthew Lipman ao ter popularizado as discussões sobre a temática. Em 1969, Lipman fundou o *Programa Filosofia para Crianças* (PFpC), com o objetivo de aproximar crianças e jovens ao pensamento filosófico para ajudá-los a desenvolver habilidades lógicas de pensamento crítico, criativo e colaborativo.

Antes de falar sobre a questão da filosofia da educação, é importante destacar que a perspectiva abordada nessa escrita difere significativamente da posição de Lipman. É necessário ressaltar que existem diferentes correntes filosóficas e abordagens metodológicas que podem enriquecer o campo da filosofia da educação. Ao abordarmos a filosofia da educação, é importante estar ciente das diferentes perspectivas teóricas existentes, reconhecendo que a visão apresentada nesta escrita difere da posição de Lipman, baseada na filosofia analítica. Tal abordagem possui cerca de um século de história e se caracteriza, atualmente, por sua ênfase nos processos lógicos e na filosofia da linguagem, que exclui a reflexão de um sujeito transformador num contexto histórico-social. De um modo geral,

pensam e escrevem no espírito analítico, com respeito pela ciência, e consideram-na um paradigma da crença racional, trabalhando em conformidade com o seu rigor argumentativo, a sua clareza e determinação em pensar de um modo objetivo. (Quinton, 1998).



Ao explorar outras abordagens filosóficas, podemos enriquecer e diversificar o ensino da filosofia para crianças, promovendo uma educação filosófica mais abrangente e sensível às múltiplas dimensões do pensamento humano.

Meu interesse inicial era pela filosofia americana, por John Dewey. Quando fui para a França, me interessei por fenomenologia e existencialismo, porque me pareceu um tipo de filosofia mais intensa e vivencial. A tradição americana me parecia, na época, insuficiente para o que eu procurava. Quando comecei a me envolver com filosofia para crianças, me dei conta de que era impossível realizar meu objetivo sem a tradição da filosofia analítica. As crianças são muito preocupadas com a linguagem, as palavras e os sentidos. A experiência inglesa em análise linguística é indispensável. (CARVALHO, 1994).

Na medida em que Lipman enfatiza a análise lógica e da linguagem, característicos da abordagem da filosofia analítica na filosofia da educação, a perspectiva da presente escrita parte de uma abordagem mais crítica, buscando decolonizar o pensamento filosófico e reconhecer as relações de poder que moldam a educação.

A abordagem de Freire se alinha com a perspectiva decolonial na filosofia da educação, já que ambos defendem uma educação que reconhece e valoriza a autonomia, que pode ser lida dentro de um contexto de diversidade cultural e epistêmica, além de buscar a superação das relações de poder injustas. Nesse sentido, a obra de Freire pode ser vista como uma inspiração e uma referência para aqueles que buscam construir uma educação mais crítica, engajada socialmente e decolonial.

Nessa perspectiva, a filosofia da educação se torna um espaço de resistência e transformação social. A decolonialidade se apresenta como um desafio e uma oportunidade para a filosofia da educação, que pode contribuir para a superação de relações de poder injustas e para a construção de um mundo mais plural e democrático.

Paulo Freire (1996) é um dos mais influentes pensadores da educação do século XX e um dos principais representantes da pedagogia crítica. Sua pedagogia da autonomia nos faz refletir sobre a importância destas contribuições no ensino de filosofia logo na infância. Sua obra está fundamentada na concepção de que a educação é um processo político e que, portanto, seus ensinamentos são essenciais para a formação de uma sociedade mais democrática. A partir de seu conceito de autonomia, possibilita-se uma abordagem pedagógica que se preocupa com a emancipação do indivíduo por meio da educação. Para o pensamento freiriano, a educação não pode ser vista como uma mera transmissão de conhecimentos, mas sim como um processo de transformação político-social, tanto ao educador quanto ao educando.

A educação, portanto, deve ser um processo dialógico, em que o professor e o estudante se coloquem na mesma condição de sujeitos no processo de construção do conhecimento, como afirma Freire:

[...] nas condições de verdadeira aprendizagem os educandos vão se transformando em reais sujeitos da construção e da reconstrução do saber ensinado, ao lado do educador, igualmente sujeito do processo. Só assim podemos falar realmente de saber ensinado, em que o objeto ensinado é apreendido na sua razão de ser e, portanto, aprendido pelos educandos. (FREIRE, 2002, p.19)

Supondo que ambos são sujeitos ativamente no processo educativo, em que o papel do professor não é o de transmitir conhecimentos prontos através de metodologias acabadas como a proposta por Lipman, mas sim de mediar o diálogo entre o estudante e os entendimentos do mundo, o ensino verdadeiro possibilita que juntos possam ser capazes de estimular a reflexão crítica e a construção do conhecimento.

A filosofia freiriana valoriza a diversidade da experiência e as perspectivas do estudante, reconhecendo que o conhecimento é construído principalmente a partir das vivências e das histórias de vida de cada um no processo educativo, pois carregam consigo uma bagagem única de conhecimento e experiências que possam ser utilizadas para enriquecer o processo de aprendizagem. Dessa forma, a filosofia da educação de Freire enfatiza a importância de se criar uma educação dialógica e horizontal, em que educadores e educandos aprendam e ensinem ao mesmo tempo.

Isso acontece porque o processo educativo não se limita ao conteúdo programático e formal, mas se estende à própria relação estabelecida entre educador e educando. Nesta relação, o educador é desafiado a refletir sobre suas próprias concepções de mundo, valores e experiências. Dessa forma, possibilita a si próprio a condição de estar aberto e a reaprender com as vivências e perspectivas do educando. Assim, ao educar, o educador também aprende, já que a relação que se estabelece entre essas partes é dinâmica e impulsionadora.

A abordagem dialógica e a filosofia analítica são importantes para compreender as diferentes maneiras pelas quais a filosofia pode ser ensinada. Assim, enquanto a filosofia analítica pode fornecer uma base sólida para o desenvolvimento de habilidades lógicas e linguísticas cognitivas, é importante reconhecer que essa abordagem sozinha pode ser insuficiente para promover a autonomia e a capacidade crítica dos estudantes, sobretudo de países com histórico de colonização. Em vez disso, é necessário complementar essa abordagem com uma perspectiva dialógica que valorize o diálogo e a comunicação como ferramentas essenciais para o desenvolvimento pessoal e social.

## 2.2. REVISITANDO A INFÂNCIA: UMA REFLEXÃO SOBRE A CONSTRUÇÃO SOCIAL E CULTURAL DA CRIANÇA

Para que se possa pensar também nas contribuições e conseqüentemente nas problemáticas do ensino de filosofia para/com as crianças, as discussões voltadas para a infância constituem o assunto desta sessão. Abordar o conceito do que é infância é também imprescindível para este processo de escrita, pois é uma fase da vida que é marcada pela descoberta do mundo e pela formação das primeiras e mais fortes impressões sobre o que é a vida e como ela funciona.

Philippe Ariès (1960) foi um historiador francês conhecido por seus estudos sobre a história da morte, da família e da infância. Em sua obra *História Social da Criança e da Família*, Ariès desenvolveu a ideia de que a infância é como uma fase distinta da vida, sendo uma invenção moderna, que surgiu apenas no final da Idade Média e início da Idade Moderna. Devido à falta de representações iconográficas antes deste período histórico, muitos estudiosos, como o historiador Ariès, defenderam que o sentimento de infância não existia antes da idade moderna.

Uma das principais teses de Ariès é que, antes do século XVII, as crianças eram vistas como "adultos em miniatura"<sup>2</sup>, não havendo uma clara distinção entre a infância e a idade adulta. As crianças eram tratadas como membros da família e da sociedade em pé de igualdade com os adultos e eram consideradas capazes de assumir responsabilidades e trabalhos desde muito jovens.

Embora a teoria de Ariès tenha sido bastante influente na historiografia, ela foi criticada por alguns estudiosos. De acordo com Silva<sup>3</sup> (2012) as diferenças entre a infância e a idade adulta eram reconhecidas em outras épocas e culturas e a ideia de que as crianças eram tratadas como “adultos em miniatura” é uma simplificação excessiva da complexidade da vida social e familiar na história que precede o século XVII. E sim, se já sabemos que a concepção de infância é uma construção social, de fato, as argumentações e discussões sobre o que é ou o que foi a infância será constantemente debatida.

Nos tempos atuais, existe uma incessante busca pelo direito de fala, especialmente por grupos “minoritários”, como negros, mulheres negras, brancas e

---

<sup>2</sup> Essa ideia foi amplamente estendida em sua obra "História Social da Criança e da Família", publicada em 1960.

<sup>3</sup> Em seu artigo Silva apresenta algumas informações biográficas sobre o historiador Ariès, que contribuem para melhorar a compreensão de sua produção, e faz uma análise da concepção de infância.

amarelas e indígenas<sup>4</sup>. Assim, compreender o alcance simbólico do ato de falar, que conseqüentemente remete à possibilidade da expressão, da participação social e da responsabilização pelos atos, é possível imaginar que até pouco tempo atrás (e em muitos lugares até hoje) a voz das crianças era sussurrada, em que os adultos muitas vezes não a valorizavam, a partir de um conceito adultocêntrico.

No contexto da educação, por exemplo, o adultocentrismo pode se manifestar na concepção de que os professores e outros adultos são os únicos detentores do conhecimento e que os estudantes, sendo eles crianças ou jovens, são meros receptores passivos desse conhecimento. Isso pode levar a uma abordagem pedagógica autoritária e pouco inclusiva, que não leva em conta as diferenças.

Em uma perspectiva decolonial da infância, enfatiza-se também a importância de se considerar o mundo das crianças e dos jovens em sua própria narrativa de diversidade e complexidade. Isso envolve dar voz e espaço para que crianças e jovens se expressem e participem ativamente na construção de suas próprias experiências e conhecimentos, em vez de serem vistos como mero receptores.

Nas últimas décadas, através de projetos de políticas públicas, de intervenções de âmbito internacional, dos direitos humanos e da disseminação dos direitos da criança, as vozes infantis passaram a ser mais ouvidas. É possível perceber mais abertura para a escuta afetiva e ativa dessas vozes. Isso é significativo porque são vozes que trazem outras visões de vida e de realidades que provêm justamente desses pequenos.

O historiador Neil Postman (1999) explica que, na Idade Média, a infância terminava aos sete anos, isso porque, nessa idade, os infantes já podiam dizer e compreender o que os adultos, por sua vez, diziam e compreendiam. Tal fato foi transformado com a expansão da cultura escrita, que passou a registrar os segredos da vida adulta. Dessa forma, criou-se a necessidade de proteção da infância que, hoje, toma forma em diferentes marcos legais.

Nesses marcos legais, predominam critérios etários para a definição da infância: segundo a Convenção sobre os Direitos da Criança, adotada pela Assembleia Geral das Nações Unidas<sup>5</sup>, a criança é definida como todo o ser humano com menos de 18 anos,

---

<sup>4</sup>Aqui fragmenta-se brancas e negras, pela impossibilidade de tratar das diversas perspectivas decoloniais, sem abordar a questão da raça.

<sup>5</sup> Nações Unidas, Carta das Nações Unidas, 1945, Preâmbulo, pode ser encontrada no site oficial da UNICEF (Fundo das Nações Unidas para a Infância), no seguinte link: <https://www.unicef.org/brazil/criancas-e-adultos/juntos-pela-crianca/convencao-direitos-crianca>. Além disso, a proteção também pode

exceto se a lei nacional confere a maioria mais cedo; o Estatuto da Criança e do Adolescente (ECA)<sup>6</sup> considera criança a pessoa até 12 anos incompletos.

Ainda que a proteção à infância esteja assegurada em leis e normativas, a integridade física, intelectual e moral das crianças continua suscetível a riscos, como a exploração do trabalho infantil, a vulnerabilidade social e ao apelo midiático do consumo, indaga-se: *é possível assegurar que haverá infância no futuro?*

Para Postman (1999), o desaparecimento da infância está próximo, devido ao fato de que o surgimento da mídia fornece informações acerca do mundo adulto, afunilando a separação estabelecida entre este e o mundo infantil.

Por esse motivo, é fundamental a discussão e a apresentação da filosofia já na primeira infância. Ademais, é importante destacar que essa é uma fase crucial no desenvolvimento das crianças, em que elas começam a formular questionamentos, buscar respostas e refletir sobre o mundo ao seu redor. Ao apresentar conceitos filosóficos desde cedo, as crianças aprendem a pensar criticamente e se tornam mais conscientes de si mesmas e de suas escolhas.

Na visão de Philippe Ariès (2006), as noções mais tradicionais da infância como um tempo de inocência e de dependência do adulto, foram minadas pelo acesso das crianças à cultura popular durante o século XX.

Deve-se destacar que ideias como estas são menos recorrentes, mas ajudam a sustentar o debate acerca da infância que é produzida e reproduzida nos produtos e manifestações culturais de nossa sociedade. A conclusão a que se chega diante da narrativa da história da infância – e vale lembrar, não é única, há múltiplas infâncias e portanto, múltiplas histórias – é que há muito para se refletir e construir para que a infância alcance um tempo realmente pleno, no sentido de que todas as crianças possam vivenciá-la. Como é uma construção social que se modifica ao longo do tempo, não tem um fim, está em constante transformação. Porém, o que se deseja é que ao menos alcance um estágio em que se consiga ter a certeza de que a concepção de infância finalmente resulte em benefícios inquestionáveis a todas as crianças.

A infância é uma fase da vida que é marcada pela descoberta do mundo e pela formação das primeiras impressões sobre o que é o mundo. A concepção de infância

---

ser encontrada no site oficial da ONU (Organização das Nações Unidas) no seguinte link: <https://www.un.org/development/desa/disabilities/convention-on-the-rights-of-the-child.html>.

<sup>6</sup> A proteção do trabalho do menor está prevista no Art. 7º, XXXIII da Constituição da República Federativa do Brasil de 1988 (CRFB/88) e no Decreto-Lei nº 5.452, de 1º de maio de 1943, Consolidação das Leis do Trabalho do artigo 402 ao artigo 410.

que se desenvolveu ao longo da história ocidental está associada à ideia de que as crianças são seres inocentes e dependentes, que precisam ser protegidas e modeladas pelos adultos. Essa visão da infância tem raízes na tradição cristã e foi consolidada no século XVIII com o Iluminismo.

No entanto, essa visão de infância está também associada à ideia de que as crianças são incapazes de pensar de forma autônoma e crítica, o que as torna suscetíveis à manipulação e ao controle. Nesse sentido, a filosofia da educação deve buscar compreender como as práticas educacionais impactam na formação das identidades das crianças e para a construção de uma visão de mundo que pode ser opressiva e excludente ou libertadora.

Segundo Alonso Salas (2020), é interessante mencionar, nesse contexto, que uma das principais objeções ao ensino da filosofia para crianças está baseada nas ideias de Piaget. Segundo ele, antes dos 11 ou 12 anos, a maioria das crianças não seria capaz de "pensar sobre o pensamento", ou seja, de realizar reflexões metafísicas e epistemológicas. No entanto, é importante considerar que essa visão pode ser limitadora e subestima a capacidade das crianças de desenvolver habilidades filosóficas desde cedo.

Ao contrário dessa visão limitada, é fundamental reconhecer que as crianças possuem uma curiosidade inata e uma propensão para questionar e refletir sobre o mundo ao seu redor. Elas são capazes de formular perguntas e de propor diferentes perspectivas em suas interações e explorações. Nesse sentido, proporcionar um espaço adequado para o ensino da filosofia desde a infância é um convite para que as crianças desenvolvam habilidades filosóficas, como a capacidade de argumentação, a busca por significados e a análise crítica.

### 2.3. DESCONSTRUINDO O PENSAMENTO COLONIAL SOBRE EDUCAÇÃO, INFÂNCIA E FILOSOFIA

Historicamente, a filosofia no Brasil geralmente tem sido ensinada de maneira excludente, privilegiando um determinado cânone filosófico que é o eurocêntrico, organizando as outras formas de pensamento e sabedoria em segundo plano, como meras especulações e não como fontes de referências. Essa perspectiva eurocêntrica também se manifesta na forma como a filosofia é ensinada para crianças, geralmente restringindo-se a um conjunto limitado de temas e conceitos que muitas vezes não

levam em conta as diversas dimensões infantis, bem como suas culturas e contextos histórico-sociais.

Uma perspectiva decolonial da filosofia busca superar aquelas isoladas, promovendo uma abordagem mais inclusiva e crítica que reconheça a diversidade de saberes e perspectivas filosóficas presentes em diferentes culturas, a saber: indígenas e afro-brasileiras. Isso envolve a vinculação de outros saberes filosóficos, além daqueles que originam da tradição filosófica ocidental, bem como uma reflexão crítica sobre a história e a política por trás dessas escolhas curriculares.

A perspectiva decolonial de infância, de filosofia e de educação, nos desafia a lidar com as concepções dominantes e eurocêntricas, promovendo uma abordagem que reconheça a diversidade e complexidade das experiências infantis e juvenis em diferentes contextos sociais e culturais, tal como é a América Latina.

Essa abordagem trata justamente das feridas abertas e profundas que a história colonial deixou na cultura, na política, na economia e na educação dos países colonizados, e essas feridas continuam sendo “cutucadas” nas estruturas atuais. Portanto, a decolonialidade propõe uma visão plural e inclusiva, já que temos muitos pertencimentos raciais e culturais, que inegavelmente estão presentes nesse espaço territorial que compartilhamos e que ao ser abordada, essa visão possibilita reconhecer a diversidade e as diferentes formas de conhecimento e sabedores.

Katiuscia Ribeiro (2019) é uma filósofa brasileira que tem se destacado no campo da filosofia decolonial. Sua abordagem tem como objetivo descolonizar a filosofia, reconhecendo a diversidade de perspectivas e tradições filosóficas presentes nas diversas culturas do mundo, em especial a africana.

Para Ribeiro (2019), a filosofia ocidental é tradicionalmente dominante, eurocêntrica e excludente, pois parte da pressuposição de que a Europa é o centro do mundo e que esta filosofia é superior às demais tradições filosóficas. Isso resulta em uma exclusão sistemática das perspectivas e das tradições filosóficas, especialmente das culturas africanas, afro-brasileiras e indígenas.

Abordar a filosofia por um viés decolonial, possibilita o espanto. Espanto esse, que é considerado o ponto de partida para uma consciência filosófica. A partir do espanto, aos sujeitos pensantes, abrem-se as múltiplas concepções de realidade, ações e acontecimentos. Assim que o espanto é gerado em função da perspectiva decolonial filosófica, há a pulsão para que seja construída a atitude crítica, racional, contestadora e problematizadora das vertentes que defendem a filosofia como um conhecimento

universal e busca, assim, superar essa exclusão, reconhecendo a pluralidade e a diversidade das tradições filosóficas presentes em diferentes contextos.

Para isso, é necessário decolonizar não só a filosofia mas principalmente o pensamento, ou seja, questionar e subverter a lógica da filosofia dominante, seja eurocêntrica ou anglo-saxã, que tende a impor uma visão homogênea da filosofia. Para decolonizar o pensamento é indispensável tratar de Fanon, uma das principais matrizes deste pensamento.

Frantz Fanon foi um importante filósofo e psiquiatra martinicano, nascido em 1925 e falecido em 1961. Sua obra é reconhecida como uma importante perspectiva para o pensamento decolonial, associado à ideia de alienação colonial, alienação esta que gera a impossibilidade de se constituir como sujeitos ativos da nossa própria história, pelo apagamento que advém de toda história consolidada em contextos coloniais sem crítica social.

A filosofia decolonial enfatiza a importância de reafirmar a história e a memória das culturas colonizadas e a defender que é necessário reconhecer e valorizar a contribuição destas, para o desenvolvimento do pensamento filosófico. Isso implica em uma revisão crítica da história da filosofia, questionando a exclusão das tradições filosóficas não europeias e buscando resgatar suas contribuições para o pensamento em geral. Além disso, para trabalhar o pensamento de uma filosofia decolonial se destaca a importância da interculturalidade. Apoiamos nossa pesquisa sobre interculturalidade nos estudos de Fournet-Bittencourt, que entende por filosofia intercultural:

La filosofía intercultural entiende la interculturalidad como un concepto y la vez como una experiencia o disposición antropológica que tienen una función radicalmente correctiva, porque la interculturalidad indica un camino de convivencia por el que precisamente se quiere corregir el estrechamiento de la humanidad del hombre al que ha llevado la hegemonía de la concepción occidental del hombre.(FOURNET-BITTENCOURT, 2021, p. 582)

Consideramos, portanto, que é preciso um diálogo para uma troca entre as diferentes tradições filosóficas presentes em diferentes culturas e, conseqüentemente, em ações, pois a decolonialidade não tem o objetivo de eliminar os conhecimentos eurocêntricos ou anglo-saxãs, mas antes de colocar-se no mesmo patamar de importância.

Para Fanon, não basta somente descolonizar o pensamento, é necessário lutar para alcançar mudanças reais no mundo e para isso estamos aqui.



### 3. APONTAMENTOS GERAIS SOBRE A PRODUÇÃO DIDÁTICA DE FILOSOFIAS PARA CRIANÇAS NA AMÉRICA - LATINA

Esta seção tem como objetivo apresentar e fazer uma análise geral das principais produções didáticas sobre o ensino de filosofia para crianças.. É importante ressaltar que, embora haja uma vasta quantidade de materiais disponíveis na área, optamos por focar em três das mais citadas e reconhecidas: a perspectiva de Walter Omar Kohan, o programa de Matthew Lipman e a coleção *Filosofinhos*, idealizada por João Carneiro (editor) e Maria de Nazareth Agra Hassen. Todos eles têm contribuições significativas para o desenvolvimento de uma filosofia pensada para/com as crianças, bem como para o campo da educação decolonial. Além disso, cada autor oferece uma perspectiva crítica em relação às formas tradicionais de educação e de filosofia, mas somente a superação da filosofia analítica de Lipman e de Kohan possibilita promover uma abordagem que valoriza a diversidade cultural e a luta contra a opressão e a desigualdade social e racial. Assim, a escolha dessas três fontes principais para esta análise se justifica pela sua relevância e impacto que suas ideias e abordagens tiveram no campo da filosofia para crianças. Desta forma, esta seção buscará apresentar e analisar as ideias e contribuições de Kohan, de Lipman e da coleção *Filosofinhos*, destacando em cada qual sua importância, suas limitações e sua relevância para a educação e filosofia crítica decolonial.

#### 3.1. MATHEW LIPMAN

Matthew Lipman foi um filósofo americano e professor universitário que se tornou conhecido por sua contribuição na área da educação com a criação da metodologia de ensino conhecida como *Filosofia para Crianças*. Lipman dedicou grande parte de sua vida acadêmica à filosofia, em especial à epistemologia e à filosofia da mente. Em 1969, ele fundou o *Instituto de Filosofia para Crianças* na Universidade de Montclair, nos Estados Unidos.

O tema da educação sempre foi um assunto importante e em constante evolução, e é nesse contexto que Lipman concebeu sua proposta de educação filosófica para crianças. A ideia de Lipman é que a filosofia pode ser utilizada como um processo educativo para habilitar a criança a desenvolver e praticar seu próprio pensamento de

maneira autônoma e crítica e isso é algo que pode ter um impacto significativo em sua formação.

A proposta de Lipman de educar as crianças dentro dos preceitos filosóficos não se trata apenas de ensinar conceitos filosóficos, mas também de ajudar às crianças a adquirirem habilidades para pensar por si mesmas e questionar o mundo que as cerca. Isso pode ser uma valiosa contribuição para sua formação como indivíduos e para a sociedade como um todo.

O que a Filosofia oferece é a familiarização com o processo de raciocínio, a sua escrupulosa abordagem da análise conceitual e seu próprio comprometimento na investigação cognitiva autocorretiva. Além disso, a Filosofia fornece uma insistência no desenvolvimento de uma posição crítica, no exame do problemático e do estabelecido e na racionalidade do argumento, explicação e diálogo. (LIPMAN, 1990, p. 165)

O pensamento de Matthew Lipman sobre o processo de ensino-aprendizagem é filosófico e reflexivo e merece nossa atenção. Em sua concepção, Lipman reconhece que muitas escolas adotaram um modelo educacional que, em vez de permitir que as crianças desenvolvam sua capacidade de pensar, as limita a uma série de conceitos e informações pré-determinadas.

Ao adotar essa abordagem, as crianças perdem a oportunidade de pensar e questionar o mundo ao seu redor, o que as deixa em uma posição de incapacidade e impossibilidade de desenvolver seu próprio pensamento. Dessa forma, o modelo educacional que tira a chance de a criança pensar, o que segundo Lipman, está institucionalmente fadado ao fracasso.

O que Lipman propõe, então, é uma abordagem educacional que valoriza a capacidade das crianças de pensar por si mesmas. Ele acredita que a Filosofia pode ser uma ferramenta poderosa para isso, pois ajuda as crianças a questionarem o mundo ao seu redor, a formularem suas próprias ideias e a desenvolverem um senso crítico e reflexivo. Dessa forma, as crianças são capazes de exercer sua autonomia e de se tornarem pensadores independentes e reflexivos.

A *Filosofia para Crianças* é um corpus disciplinar que ganhou destaque nos últimos anos, especialmente por sua abordagem interdisciplinar e inovadora. Lipman, defende que a filosofia não deveria ser uma disciplina restrita apenas aos adultos, mas sim uma prática acessível a todas as idades. A partir dessa experiência, desenvolveu

uma abordagem pedagógica que tinha como objetivo estimular a reflexão filosófica em crianças de todas as idades.

O programa de *Filosofia para Crianças* de Matthew Lipman é uma proposta pedagógica que se diferencia dos modelos convencionais de ensino, ao buscar desenvolver a capacidade de reflexão e pensamento crítico dos estudantes por meio de diálogos filosóficos. Lipman desenvolveu seu programa a partir da convicção de que o ensino de filosofia deveria ser uma atividade acessível a todos, independentemente de sua idade ou formação prévia, e que as crianças, em sua pureza intelectual, são capazes de realizar reflexões de grande profundidade.

De acordo com a proposta de Lipman, a *Filosofia para Crianças* é uma abordagem que busca incentivar a reflexão crítica, o pensamento autônomo e a criatividade em crianças de todas as idades. Através de atividades lúdicas e dinâmicas, os pequenos são incentivados a se questionarem sobre o mundo que os cerca e a buscar respostas por conta própria.

A base metodológica do programa consiste em utilizar as novelas filosóficas como instrumento pedagógico para introduzir conceitos e temas filosóficos de forma lúdica e envolvente. As novelas são estruturadas a partir de situações que instigam o pensamento reflexivo dos estudantes, apresentando personagens e dilemas que permitem a discussão e a reflexão coletiva.

Lipman também propôs o uso de um conjunto de procedimentos baseados na filosofia analítica que visam orientar a discussão filosófica, tais como a diferenciação entre fato e opinião, a identificação e análise de argumentos, a elaboração de perguntas claras e precisas, e a formulação de hipóteses e conjecturas. Esses procedimentos, que servem como guia para a discussão filosófica, buscam desenvolver no estudante um pensamento crítico e rigoroso, capaz de lidar com as complexidades e incertezas do mundo.

Assim, a proposta pedagógica de Lipman busca formar sujeitos autônomos, capazes de desenvolver sua capacidade reflexiva, e de tomar decisões fundamentadas em argumentos e evidências. O programa de *Filosofia para Crianças*, ao valorizar a participação ativa dos estudantes na construção do conhecimento, constitui-se como uma proposta pedagógica inovadora, que busca romper com os modelos tradicionais de ensino e formação.

Ainda sobre isso, o próprio Lipman (1999, p.22) assegura: “Eu não tinha dúvidas que as crianças pensavam tão naturalmente como falavam e respiravam. Mas como conseguir que pensassem bem?”. A partir dessa indagação, o filósofo conseguiu a viabilidade de difundir aos infantes os conceitos filosóficos que foram edificados durante toda a trajetória da filosofia ocidental, mediante a elaboração de novelas filosóficas em formato de histórias - ou romances- direcionados para o público infantil. Essas histórias, por sua vez, deveriam ser ministradas em salas de aula, no âmbito da própria instituição de ensino, por docentes munidos de capacitação e vivência no programa.

Não cabe a nós passar por todas as novelas, mas vale mencionar ao menos uma delas a fim de compreender minimamente esta estratégia de ensino e suas limitações. Escolhemos a obra "El descubrimiento de Harry" (1988), Trata-se de uma das principais obras do currículo "Filosofía para Niños", que busca oferecer aos jovens ferramentas para desenvolver habilidades críticas e reflexivas. Através de situações do cotidiano, a narrativa apresenta questões filosóficas complexas de forma acessível e estimulante, incentivando os jovens a pensarem criticamente sobre o mundo que os cerca.

Ao longo do livro, os personagens discutem uma série de questões filosóficas, como a natureza da realidade, a existência de Deus, a moralidade e a natureza do conhecimento. Por meio dessas discussões, os jovens são incentivados a pensar criticamente e a explorar seus próprios pontos de vista.

É uma excelente ferramenta para ensinar filosofia e habilidades de pensamento crítico para crianças e jovens. Além disso, o livro inclui atividades e exercícios para ajudar os leitores a desenvolverem suas próprias habilidades filosóficas.

A obra a que nos referimos acima, ocupa uma posição de destaque dentro do currículo, sendo o quarto livro de uma série de sete novelas. Sua leitura é recomendada principalmente para crianças entre onze e catorze anos, uma fase importante para o desenvolvimento da moral dos jovens.

A história segue um grupo de amigos, motivados por Harry Stottlemeier, que decidem criar um clube de filosofia para investigar e discutir questões filosóficas importantes. O clube é orientado por uma professora, a Sra. Hildegarde, que encoraja os estudantes a explorarem suas próprias ideias e desafiarem uns aos outros de forma construtiva.

Ao longo da narrativa, Harry e seus amigos exploram uma série de questões filosóficas, como a realidade, a verdade, a existência de deus, a natureza da moralidade e a natureza do conhecimento. Eles também aprendem a analisar argumentos e identificar falácias lógicas, habilidades essenciais para o pensamento crítico.

Consideramos interessante abordar também algum material didático direcionado ao docente. Para tanto, nossa pesquisa escolheu o livro "Escribir: cómo y por qué. Libro de apoyo para el docente para acompañar a *Suki*" (1999), que oferece uma série de exercícios e atividades práticas, voltadas para auxiliar aos estudantes a desenvolverem habilidades, tais como processamento hipotético, indutivo e dedutivo, analogias, generalizações, entre outras, no processo de escrita.

Com suas quatrocentas e cinquenta páginas, o manual do professor oferece uma variedade de exercícios e atividades que complementam a leitura da obra *Suki*, também de autoria de Lipman, proporcionando uma experiência de aprendizagem mais completa e significativa para os estudantes. Com essa abordagem, o currículo *Filosofia para Crianças* contribui para o desenvolvimento de habilidades intelectuais e éticas fundamentais para a formação de jovens críticos e reflexivos.

Essa obra de apoio ao professor (1999), baseia-se na ideia de que a filosofia pode ser uma ferramenta útil para o desenvolvimento da educação crítica e reflexiva. Lipman propõe que a escrita é uma forma poderosa de expressão e reflexão, que pode ser utilizada para desenvolver habilidades de pensamento crítico e reflexivo para os estudantes.

A escrita é uma habilidade essencial que deve ser desenvolvida desde cedo, e Lipman argumenta que ela é fundamental para o desenvolvimento do pensamento crítico:

El programa Suki, incluyendo el libro de apoyo para el docente *Escribir: cómo y por qué*, representa una nueva dirección en el aprendizaje de la escritura. La meta del programa es hacer posible una transición fluida de la lectura a la conversación y de la conversación a la escritura. El programa se propone ayudar a los chicos a escribir explorando el proceso de creatividad en una novela con cuya trama y personajes pueden identificarse. Este enfoque también utiliza conceptos filosóficos que los chicos pueden explorar en clase, y a partir de ellos crea una motivación para escribir como extensión del deseo de participar en las discusiones del aula. (LIPMAN, 1999, P.13)

Lipman explora a importância da escrita na educação e na vida cotidiana, destacando que ela permite que os estudantes organizem suas ideias de maneira coesa, e que consigam estruturar argumentos sólidos e assim se comuniquem efetivamente.

O livro citado acima, é uma continuação do projeto filosófico para crianças desenvolvido por Lipman, que tem como objetivo estimular o pensamento crítico e criativo desde a infância. O livro apresenta várias práticas didáticas que podem ser trabalhadas em sala de aula, como perguntas norteadoras e que estimulam o pensamento crítico, palavras chaves para identificar conceitos filosóficos, sendo uma ótima base para se pensar nas práticas didáticas do ensino de filosofia.

Do ponto de vista filosófico, os livros podem ser vistos como uma obra que defende a ideia de que a escrita pode ser uma ferramenta para a reflexão filosófica, e que essa reflexão é fundamental para esse desenvolvimento.

### 3.1.1 NOVELAS FILOSÓFICAS

O método das novelas filosóficas consiste em utilizar a narrativa de ficção para discutir questões filosóficas complexas de uma forma mais acessível e envolvente para os estudantes.

As novelas filosóficas são histórias que apresentam dilemas morais e éticos, que são debatidos e analisados pelos personagens da história. Essas histórias são cuidadosamente construídas para ilustrar conceitos e argumentos filosóficos, tornando-os mais palpáveis e compreensíveis para os estudantes.

O objetivo é criar um ambiente de aprendizagem mais envolvente e participativo, incentivando os estudantes a se envolverem com as questões filosóficas de uma forma mais pessoal e reflexiva. Ao se identificarem com os personagens da história, os estudantes podem compreender melhor os conceitos e argumentos filosóficos apresentados, bem como desenvolver uma visão mais crítica e reflexiva sobre as questões dadas.

Além disso, também é uma forma de tornar a filosofia mais acessível e interessante para um público mais amplo, incluindo pessoas que por alguma razão não se interessariam pela disciplina. Isso pode ajudar a promover a importância da filosofia na vida cotidiana e no desenvolvimento pessoal e social.

Lipman criava uma história que ilustrasse a questão filosófica de uma forma clara e interessante. Então, escolhia personagens que fossem relevantes para o problema filosófico em questão e desenvolvesse uma trama que envolvesse os personagens nesse problema filosófico.

Durante esse processo, Lipman também se certificava de que a história fosse cuidadosamente construída para ilustrar conceitos e argumentos filosóficos. Visava identificar exemplos concretos que pudessem ilustrar as ideias filosóficas de uma forma tangível e compreensível para os estudantes.

O método de novelas filosóficas é uma forma inovadora e interessante de ensinar filosofia, tornando-a mais acessível e envolvente para os estudantes. Com o uso das histórias, as ideias filosóficas podem estimular os estudantes a pensar criticamente sobre questões que podem parecer abstratas ou distantes.

A concepção de filosofia da educação que está por trás do método das novelas filosóficas, a filosofia analítica, se fortifica na ideia de que a filosofia pode ser uma ferramenta eficaz para ajudar os estudantes a pensar sobre questões éticas e sociais.

Portanto, a concepção de educação para Lipman pode ser entendida como uma importante ferramenta a fim de valorizar a importância da reflexão crítica e do diálogo sobre questões complexas, e busca tornar a filosofia acessível e envolvente para os estudantes por meio de abordagens criativas.

O método central da proposta de Lipman, são as *comunidades de investigação* em seu programa de *filosofia para crianças*, que representam uma abordagem que visa à transformação do ambiente escolar em um espaço de discussão e reflexão. Essa metodologia é fundamental para promover a participação ativa das crianças no processo educativo, incentivando-as a se tornarem protagonistas de suas próprias aprendizagens.

Na proposta de Lipman, as *comunidades de investigação* são espaços onde crianças são convidadas a se envolverem em diálogos filosóficos, explorando juntas questões fundamentais e compartilhando suas perspectivas e pontos de vista. Essa prática colaborativa estimula o pensamento crítico, a expressão argumentativa e a escuta atenta, habilidades essenciais para o desenvolvimento intelectual e social das crianças.

A comunidade de investigação é compreendida como um ambiente propício para a criação e desenvolvimento de uma experiência reflexiva, dialógica e ético-democrática a partir da

contribuição da disciplina de humanidades da filosofia.  
(MURARO e SOUSA, 2019, p.80)

O método de Lipman leva em consideração, o desenvolvimento do raciocínio lógico-dedutivo e indutivo, incentivando os estudantes a analisar argumentos e buscar evidências para formular suas próprias conclusões. Os diálogos filosóficos estabelecidos em sala de aula visam, assim, promover um ambiente de discussão e reflexão colaborativo.

Embora a *Filosofia para Crianças* tenha sido uma contribuição significativa de Matthew Lipman para a educação, sua metodologia foi desenvolvida em um contexto específico, o que gerou algumas críticas a essa metodologia.

Lipman começou a desenvolver sua metodologia no final da década de 1960, quando a educação estava passando por mudanças. A educação tradicional, baseada na transmissão de informações e na memorização, estava sendo questionada, e novas abordagens pedagógicas estavam sendo propostas.

No entanto, o contexto no qual Lipman desenvolveu sua metodologia foi marcado por uma visão otimista da tecnologia e da ciência, que supunha que o progresso científico e tecnológico levaria a um mundo melhor e mais justo. Essa visão influenciou a forma como Lipman abordou a filosofia em sua metodologia, enfatizando a importância da razão e do pensamento crítico

As críticas à metodologia de Lipman, enfatizam que ele não levou em consideração questões importantes, como a diversidade cultural e a desigualdade social e que a metodologia de Lipman enfatiza demais a racionalidade e o individualismo (como bom liberal da escola sem partido), ignorando a importância da emoção, da história e da coletividade no processo de aprendizagem.

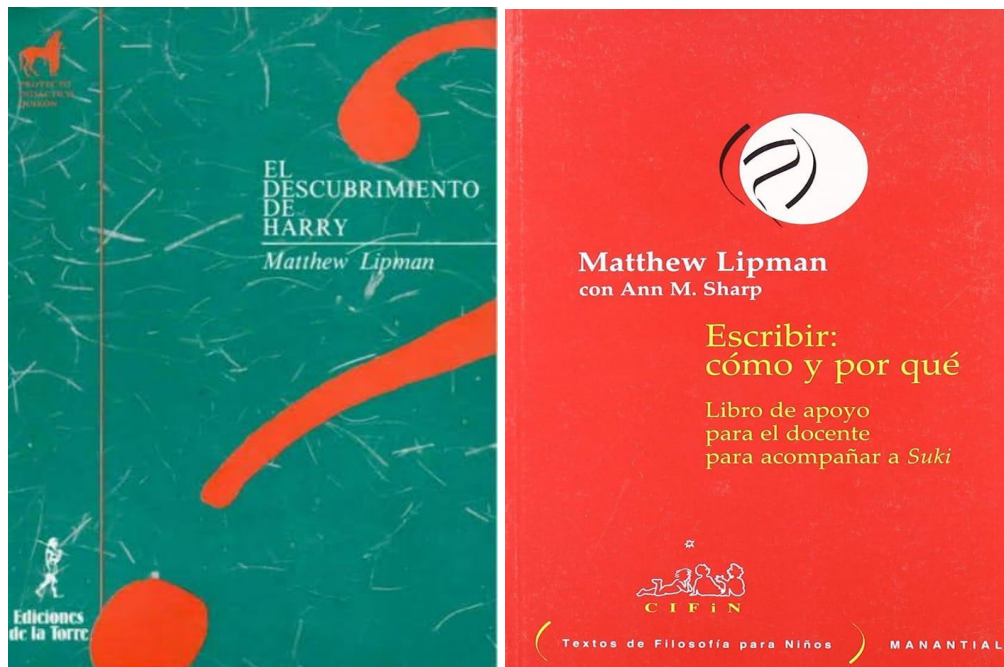
Um crítico importante é o professor e filósofo Walter Omar Kohan, que argumenta que a metodologia de Lipman é universalista demais, ignorando as particularidades culturais e de vida dos estudantes. Kohan também critica a ênfase da metodologia na razão e no pensamento crítico, argumentando que a filosofia deve ser ensinada de forma mais contextualizada e sensível às experiências emocionais e sociais.

Além disso, uma outra crítica à metodologia de Lipman inclina para o fato de que a abordagem pode ser vista como apolítica e descontextualizada. E a filosofia não



pode ser ensinada de forma neutra e objetiva, pois sempre reflete a perspectiva de um determinado contexto social e histórico.

Imagens das capas do livro de Lipman:



### 3.2. WALTER OMAR KOHAN E A EDUCAÇÃO

Walter Omar Kohan<sup>7</sup>, é autor de diversas obras, entre elas *Infância e filosofia: olhares em devir*, *Filosofia para crianças: a chave para o ensino de filosofia na educação infantil* e *Filosofia da educação*. Ele é considerado um dos principais expoentes da filosofia da educação na América Latina e tem se dedicado a repensar a prática educativa a partir de uma perspectiva crítica e reflexiva, com base em conceitos e ideias filosóficas.

Compreender a concepção de filosofia da educação de Walter Omar Kohan é essencial para entender seu método, que parte da ideia de que a filosofia é uma atividade crítica que deve estar presente em todas as dimensões da vida humana, incluindo a educação.

Serão as crianças que construirão suas filosofias e seus modos de produzi-las. Não é mostrando que as crianças podem pensar como adultos que vamos

<sup>7</sup> Filósofo e educador argentino, naturalizado brasileiro, reconhecido por suas contribuições na área de filosofia da educação. Formado em filosofia pela Universidade Nacional de La Plata, na Argentina, e tem mestrado e doutorado em educação pela Universidade Federal do Rio Grande do Sul, no Brasil. Atualmente, é professor titular da Faculdade de Educação da Universidade do Estado do Rio de Janeiro (UERJ) e coordenador do Laboratório de Estudos e Pesquisas em Filosofia da Educação (LEFE) da mesma instituição.

revogar o desterro de sua voz. Pelo contrário, nesse caso haveremos cooptado, o que constitui uma outra forma de silenciá-las. Seria mais adequado preparar-nos para escutar uma voz diferente como expressão de uma filosofia diferente, uma razão diferente, uma teoria do conhecimento diferente, uma ética diferente e uma política diferente: aquela voz historicamente silenciada pelo simples fato de emanar de pessoas estigmatizadas na categoria de não adultos. (KOHAN, 1999, p.70)

Segundo Kohan, a filosofia da educação deve se concentrar em questões que emergem da experiência educacional concreta, ao invés de se preocupar apenas com abstrações teóricas. Para ele, a educação deve ser pensada como um processo dinâmico e dialético, em que o conhecimento é construído através de um diálogo constante entre educadores e educandos. Na apresentação do livro *Filosofia para Crianças: a tentativa pioneira de Mathew Lipman*, Kohan aponta que:

Mathew Lipman se incomodava com a forma como os filósofos fechavam suas portas para as crianças. Considerou este impedimento insensível injusto. Lançou a ideia de que as crianças podem e merecem ter acesso à filosofia. Não apenas lançou a ideia, mas criou uma instituição e desenvolveu materiais e metodologia para que esta ideia fosse uma realidade. (Kohan, 1999, p. 9)

Em seu método, Kohan utiliza conceitos e ideias filosóficas para questionar as práticas educacionais e para explorar alternativas para a educação. Ele busca integrar diferentes perspectivas filosóficas, incluindo a fenomenologia, a hermenêutica e a ontologia, para oferecer uma compreensão mais completa da educação.

Para Kohan, a filosofia da educação é uma crítica disciplinar que busca desafiar as noções infringidas de educação e que procura novas formas de pensar sobre a prática educativa. Seu método incentiva a reflexão crítica e a criatividade, incentivando os educadores a questionar as práticas existentes e buscar novas maneiras de ensinar e aprender. A criticidade em Kohan também se refere a tradição analítica, se tratando de habilidades de pensamento.

O trecho a seguir, revela uma visão limitada e problemática do ensino da filosofia. Kohan, ao afirmar que o ensino da filosofia deve recusar a formação política aos estudantes, está ignorando a importância emancipatória dessa disciplina. Freire nos ensina que o ensino de filosofia não pode ser despolitizado, especialmente quando buscamos uma abordagem decolonial.

Se o ensino da filosofia quer voltar à filosofia, precisa intervir seu platonismo político, recusar a formação política dos cidadãos. Entendida como experiência do pensamento filosófico, esse ensino não admite nenhuma ordem determinante. Pensa o impossível. Suspeita que o impossível é possível. Da testemunhos da soberania da pergunta. Afirma a diferença, as

outras bases da ordem, suas outras possibilidades, seus pontos negros, seus enfrentamentos, suas exclusões, seus devires. (KOHAN, 2003, p.47)

A filosofia, em sua essência, está intrinsecamente ligada ao questionamento crítico e à reflexão sobre as estruturas de poder e opressão presentes na sociedade. Ignorar a formação política dos cidadãos é negar a possibilidade de transformação social e promoção da justiça e igualdade.

### 3.3. COLEÇÃO FILOSOFINHOS

A coleção *Filosofinhos* é uma série de livros infantis que tem como objetivo introduzir os pequenos leitores ao mundo da filosofia de maneira lúdica e acessível.

A fim de enriquecer nosso entendimento sobre a proposta pedagógica da coleção *Filosofinhos* e obter insights valiosos diretamente da fonte, buscamos o apoio da Editora Tomo, que prontamente respondeu às nossas indagações, fornecendo um texto elucidativo que oferece uma visão aprofundada sobre a concepção e os objetivos da coleção *Filosofinhos*. Sua resposta nos permite compreender melhor com que intuito a coleção foi pensada e desenvolvida para que a filosofia possa ser abordada de maneira acessível e atraente para o público infantil, despertando o pensamento crítico desde os primeiros anos de vida.

Apresentamos a seguir as respostas fornecidas pela Editora Tomo, o qual oferece uma valiosa contribuição ao nosso entendimento sobre a coleção *Filosofinhos* e sua relevância para a formação filosófica das crianças:

#### **- A coleção é de origem e idealização brasileira?**

Sim, ela foi idealizada por nós, com a intenção de subsidiar as crianças para alguma noção de filosofia e do pensamento filosófico, inserindo-o na biografia do filósofo projetado como criança. A intenção é tornar acessíveis os primeiros passos na filosofia. Somos João Carneiro, editor, e Maria de Nazareth Agra Hassen, ambos graduados em filosofia pela UFRGS.

A ideia da Coleção, desde seu início, foi ampliar os horizontes da mente infantil, o que inclui o conhecimento de outras línguas. No caso dos tradutores para o francês, trata-se de um casal, em que ela é brasileira, tradutora e professora de francês na UFRGS e ele é psicólogo, poeta e francês. Dessa forma, estão na equipe pessoas capacitadas na língua fonte e na língua meta, sendo que o fato de Pascal ser poeta

garante que não seja uma mera versão, mas que na língua de chegada não se percam rimas e lirismo.

Não se trata de adaptação, a ideia é original. Os dois primeiros volumes, lançados em 2003, foram Descartes e Freud, dois pensadores com ideias diferentes sobre a razão humana. O primeiro afirmando como princípio para o conhecimento e o segundo apresentando a dimensão irracional da mente, o inconsciente. A intenção era já de início não apresentar os pensadores como se lhes coubesse algo como uma palavra final sobre qualquer tema, mas mostrar como as ideias podem se contrapor, estabelecendo um princípio importante na filosofia, o debate de ideias. A série é aberta e, ao longo dos anos fomos incluindo novos volumes mantendo a ideia de diversidade. Os mais recentes foram Temístoclea, Melanie Klein e Franz Fanon.

Não é adotado a ideia de "programa". Os livros da **Coleção Filosofinhos e Filosofinhas** têm sua autonomia porque não são didáticos, mas um tipo de ficção (e de leitura lúdica) que inclui conceitos inseridos na história. Não há uma parada no enredo para apresentar um conceito. A ideia deve estar inserida na trama.

Apesar de não se ter um programa, é disponibilizado um arquivo PDF com orientações e atividades de leitura que podem ser baixadas no site da editora. Essas atividades podem ser utilizadas para maior entendimento e também para possibilidades criativas para além dos livros.

Nos próprios livros, há uma parte no final de cada volume destinada a adultos, para que esses entendam que conceitos e que dados históricos e biográficos estão retratados na história, além de sugestões de outras leituras, uma vez que nosso interesse é que a filosofia rompa barreiras acadêmicas e seja lida pelo público geral.

A coleção *Filosofinhos* é uma excelente opção para a introdução de conceitos filosóficos para as crianças, porque ela simula a aproximação do infante ao mundo da filosofia propriamente dito, ou seja, com o universo dos filósofos mesmo através de escritos. Isso é importante porque a filosofia não é apenas uma disciplina acadêmica, mas sim uma forma de se pensar a vida, uma busca constante pela sabedoria e pela compreensão do mundo

Ao apresentar os conceitos filosóficos de forma lúdica e acessível para as crianças, a coleção *Filosofinhos* contribui para que elas tenham uma primeira

aproximação com a filosofia de maneira divertida e prazerosa, sem que isso se torne uma obrigação ou uma atividade maçante.

Além disso, a coleção valoriza a formação integral das crianças, estimulando não apenas o desenvolvimento, mas também a sensibilidade. Isso é importante porque a filosofia não é apenas uma questão de pensamento lógico, mas também de sensibilidade, intuição e emoção.

A valorização da sensibilidade, intuição e emoção é fundamental porque esses aspectos da experiência humana são essenciais para o despertar do pensamento filosófico. A sensibilidade permite que as crianças se conectem com o mundo ao seu redor, desenvolvendo uma percepção aguçada e uma capacidade de se colocar no lugar do outro. Isso estimula a empatia, a compreensão das diferentes perspectivas e a reflexão sobre as relações humanas.

A intuição, por sua vez, é uma forma de conhecimento que vai além da razão e da lógica. Ela nos permite acessar insights e compreensões profundas de forma imediata, sem a necessidade de um processo linear de pensamento. Ao despertar a intuição nas crianças, a coleção *Filosofinhos* incentiva a explorar diferentes caminhos de pensamento, estimulando a criatividade e a capacidade de encontrar soluções originais para os questionamentos filosóficos

Por outro lado, a concepção de filosofia de educação presente na coleção *Filosofinhos* é de origem europeia, já que ela se baseia em grandes nomes da filosofia ocidental, como Platão, Aristóteles e Descartes, além de ser bilíngue em francês. No entanto, essa não é necessariamente uma limitação, acredito que a coleção é uma excelente opção para a introdução de conceitos filosóficos para as crianças e às pessoas que foram os filósofos, independentemente, nesse caso, de sua origem.

É importante que a introdução da filosofia para as crianças seja feita de maneira lúdica, para que elas possam desenvolver uma curiosidade natural sobre a disciplina e, quem sabe, futuramente, contribuam para o desenvolvimento da filosofia em seus países de origem.

A filosofia, como disciplina, tem uma longa história na Europa, e foi nessa região que muitos dos grandes filósofos ocidentais experimentaram e desenvolveram

suas ideias. Por isso, é significativo, não que seja justificável, que a concepção de filosofia presente na coleção *Filosofinhos* tenha raízes na tradição filosófica europeia.

No entanto, é importante lembrar que a filosofia não é propriedade exclusiva da Europa, e que muitas outras tradições filosóficas existem em outras partes do mundo. Por isso, é fundamental que a filosofia seja vista como uma disciplina global, que envolva diferentes tradições filosóficas.

A coleção baseia-se em uma concepção majoritariamente europeia de filosofia, mas isso não a torna uma opção inferior para a introdução de conceitos filosóficos para as crianças. É importante admirar a diversidade e a pluralidade de tradições filosóficas existentes na Europa e no mundo, e a coleção *Filosofinhos* pode ser vista como uma porta de entrada para uma dessas inúmeras tradições. É importante que as crianças tenham acesso a diferentes formas de pensar e abordar questões filosóficas, para que possam desenvolver uma visão ampla da filosofia.

A coleção *Filosofinhos* traz essas histórias para as crianças de forma leve e divertida, com ilustrações que ajudam a compreender melhor os conceitos e as ideias da filosofia. A seguir um breve apontamento de quais conceitos foram trabalhados na produção dos livrinhos. A coleção tem no total 12 volumes:

Volume 1: *Temistocleia* - A edição aborda a figura de Temistocleia como uma das primeiras filósofas da história e seu papel na educação dos jovens atenienses, destacando a importância da filosofia na formação de valores e ética.

Volume 2: *Melanie* - A edição apresenta conceitos importantes como a ideia de que as pessoas podem ser diferentes e isso não deve ser motivo de discriminação ou preconceito. Além de também explorar o tema da inveja e a reparação, aspectos que ela considerava essenciais. Só uma sequência de vivências gratificantes poderá desenvolver, mais tarde, a sensação de ser amado, depois de um processo interno de reparação da inveja e dos impulsos sádicos (ambos inatos para ela).

Volume 1: *René Descartes* - Foram abordados temas como a dúvida, a existência de Deus, a relação entre a alma e o corpo, e a busca pela verdade. Foi apresentado o famoso argumento do cogito ("penso, logo existo"), que serve como ponto de partida para a busca da certeza em outras áreas do conhecimento.

Volume 2: *Sigmund Freud* - Fala sobre a compreensão da psique humana e da psicanálise. Foram abordados conceitos como o inconsciente e a teoria do trauma.

Volume 3: *Sócrates* - O livro começa falando da importância da filosofia na vida das pessoas e apresenta Sócrates como um dos grandes filósofos da história. Em seguida, o volume aborda conceitos como a ironia socrática e a maiêutica, que são fundamentais para compreender a filosofia socrática. Apresenta também os diálogos socráticos, que são as conversas entre Sócrates e seus discípulos. Essa parte é importante para mostrar aos jovens leitores como a filosofia pode incomodar o poder estabelecido, e como é fundamental defender a liberdade de expressão e o pensamento crítico.

Volume 4: *Sartre & Simone* - Nesse volume, foram abordados conceitos como a existência precede a essência, a liberdade, a angústia, a má-fé, a relação entre homem e mulher, a opressão e a luta pela emancipação feminina.

Volume 5: *Platão* - Aborda sua filosofia política e a ética. São discutidos conceitos como a teoria das ideias e a justiça.

Volume 6: *Karl Marx* - Apresenta a perspectiva sobre a sociedade e a economia, trazendo à tona conceitos fundamentais para a compreensão do seu pensamento, como a luta de classes, a alienação e a mais-valia.

Volume 7: *Immanuel Kant* - Aborda a compreensão da relação entre razão e conhecimento, bem como para a construção de uma ética baseada na busca pela felicidade coletiva.

Volume 8: *Jean-Jacques Rousseau* - Destaca-se na coleção as principais ideias de Rousseau, como sua crítica à sociedade em que vivia, a noção de contrato social, a importância da educação e o papel do indivíduo na sociedade.

Volume 9: *Aristóteles* - traz também reflexões sobre a atualidade e a relevância do pensamento aristotélico para a compreensão dos problemas e desafios da nossa época. Dentre os conceitos abordados, podemos destacar a concepção de causa, a ideia de que a virtude está no meio-termo, a defesa do pensamento analítico e a importância da retórica na persuasão e comunicação.

Volume 10: *Frantz Fanon* - Foi representado na coleção *Filosofinhos* como um pensador que contribuiu significativamente para a reflexão sobre o colonialismo, o

racismo e a descolonização. Em seu volume, foram abordados conceitos como a alienação, a violência colonial, a identidade negra e a luta pela libertação.

É importante destacar que na coleção, uma característica marcante e inspiradora é a representação de filósofos e filósofas como crianças. Essa abordagem criativa e inovadora proporciona uma conexão única entre as crianças leitoras e as grandes figuras do pensamento filosófico.

Ao retratar filósofos e filósofas como crianças, a coleção *Filosofinhos* busca despertar a curiosidade e o interesse das crianças pela filosofia, de uma forma acessível e envolvente. Essa representação permite que as crianças se identifiquem com os personagens e se sintam parte ativa do mundo da filosofia, estimulando a imaginação.

Imagem dos livrinhos da coleção *filosofinhos*:





### 3.3.1. O FILÓSOFO FRANTZ FANON E TEMISTOCLEIA NA COLEÇÃO *FILOSOFINHOS*

A adaptação de Frantz Fanon pela coleção *Filosofinhos* é um exemplo notável de como é possível introduzir conceitos e ideias filosóficas, não exclusivamente europeias, relevantes para crianças de forma acessível. A linguagem utilizada na adaptação foi pensada para ser acessível e cativante para as crianças, sem perder a profundidade e a complexidade do pensamento de Fanon.

Outro ponto importante é que a adaptação de Fanon pela coleção foi pensada para dialogar com temas e questões relevantes para o universo infantil, como a identidade, a diversidade cultural, racismo, distinção e alienação. Todos esses conceitos são fundamentais para a compreensão da visão social e para a formação de uma óptica crítica e reflexão sobre o mundo. Isso torna a adaptação ainda mais relevante.

Através da adaptação de Fanon, as crianças podem aprender sobre a importância da diversidade e da inclusão, bem como sobre a luta contra o preconceito e a discriminação. Além disso, a coleção traz uma abordagem crítica e reflexiva sobre a construção da identidade e a alienação do indivíduo na sociedade. Embora a decolonialidade não seja explicitamente abordada na coleção, é importante mencionar a relevância desse conceito dentro do contexto filosófico contemporâneo. A partir da perspectiva decolonial, é possível refletir sobre as estruturas de poder, dominação e opressão presentes em nossa sociedade, buscando descolonizar o pensamento e as práticas para construir relações mais equitativas e respeitadas.

A adaptação da história de Temistocleia é importante não só por apresentar uma filosofia para as crianças, mas também por trazer para a história da filosofia o papel das mulheres, muitas vezes negligenciadas ou esquecidas. Temistocleia, uma filósofa pouco conhecida, desempenhou um papel fundamental na Grécia antiga. Ela foi uma mulher sábia e corajosa que desafiou as normas sociais da época ao se dedicar ao estudo da filosofia e ao compartilhar seus conhecimentos com outros. Sua história nos mostra que as mulheres também tiveram um papel significativo no desenvolvimento do pensamento ocidental, mesmo que suas contribuições tenham sido frequentemente subestimadas ou apagadas da narrativa histórica predominante.

Embora muitas pessoas possam não estar familiarizadas com seu nome, é importante valorizar e lembrar de seu legado. Ao trazer sua história para a coleção *Filosofinhos*, as crianças têm a oportunidade de conhecer e se inspirar em uma figura feminina que desafiou as expectativas impostas pela sociedade e se destacou como uma filósofa importante.

Dessa forma, a adaptação da história de Temistocleia pela coleção *Filosofinhos* é uma forma de promover a história da filosofia e o papel das mulheres nessa história, ao mesmo tempo em que introduz conceitos filosóficos relevantes para as crianças. É uma iniciativa que merece ser elogiada e incentivada, pois contribui para a formação de cidadãos mais conscientes e críticos.

#### 4. POR UM ENSINO DE FILOSOFIA DECOLONIAL PARA CRIANÇAS

A filosofia contém, além de muitas outras coisas, um núcleo de conceitos. Estes conceitos são incorporados e ilustrados em todas as áreas humanas, mas é na filosofia que são analisados, discutidos, interpretados e esclarecidos. Muitos destes conceitos representam valores humanos profundamente importantes, como a verdade, o significado e a comunidade. (...) Sem a filosofia, há uma tendência para que os comportamentos que estes conceitos representam permaneçam inarticulados e sem expressão. A filosofia na escola primária fornece um espaço que possibilita às crianças refletirem sobre seus valores, assim como sobre suas ações. Graças a estas reflexões, as crianças podem começar a perceber maneiras de rejeitar aqueles valores que não estão à altura dos seus padrões e de guardarem aqueles que estão. A filosofia oferece um espaço no qual os valores podem ser submetidos à crítica. Esta é, talvez, a principal razão para sua exclusão, até agora, da sala de aula da escola primária, e uma razão fundamental para que seja, agora, finalmente incluída. (LIPMAN 1995, p. 240-241).

Lipman revela a natureza investigativa da filosofia em relação aos conceitos fundamentais, despertando-nos para o ato de perguntar, explorar, discutir, interpretar, criticar, esclarecer e criar significados alternativos.

No entanto, é necessário criticar essa abordagem filosófica analítica proposta por Lipman, pois ela tende a restringir a filosofia a um mero exercício intelectual descontextualizado da realidade. Ao enfatizar as operações mentais e a análise lógica dos conceitos, essa perspectiva negligencia a dimensão existencial e social da filosofia. A ênfase excessiva na lógica e na razão acaba por deixar de lado outros aspectos igualmente importantes, como as dimensões afetivas, éticas e políticas do pensamento filosófico.

Uma abordagem da filosofia analítica, como proposta por Lipman e apoiada, consideravelmente por Kohan, para o ensino de filosofia às crianças levanta algumas preocupações. Essa abordagem tende a enfatizar as operações pensadas e a lógica formal, negligenciando a dimensão reflexiva e criativa.

Ao priorizar as operações mentais, como a análise conceitual e a resolução de problemas lógicos, a abordagem analítica pode subestimar a capacidade das crianças de se envolverem com questões filosóficas complexas que são pertinentes às suas vidas. Isso pode resultar em uma visão restrita da filosofia como uma disciplina intelectual, distante das experiências concretas e das preocupações existenciais das criança

Além disso, a filosofia analítica muitas vezes se baseia em uma tradição filosófica ocidental e negligencia a diversidade de perspectivas filosóficas existentes.

Ao fazer isso, limita o potencial da filosofia para promover a dialética intercultural e a valorização de diferentes modos de pensar e conhecer.

É importante questionar essa abordagem e buscar alternativas que considerem a singularidade das crianças e suas formas de compreender o mundo. Uma abordagem mais inclusiva e crítica deve levar em consideração a experiência vivida das crianças, suas perspectivas culturais e sociais, e permitir que elas explorem questões filosóficas relevantes de maneira significativa e engajada.

Em vez de se concentrar exclusivamente nas operações mentais, é necessário ampliar o escopo do ensino de filosofia para crianças, incorporando elementos como a imaginação, a criatividade, o diálogo e a reflexão crítica sobre questões éticas, sociais e existenciais. Isso permitirá que as crianças se envolvam de forma mais profunda com a filosofia, desenvolvendo habilidades de pensamento crítico, autonomia intelectual e consciência social.

Portanto, nesta sessão, iremos adentrar um campo de reflexão e questionamentos sobre a importância de um ensino de filosofia decolonial voltado para crianças. Partindo da retomada dos principais argumentos, especialmente de Lipman, quando questionamos se as bases do pensamento filosófico apresentadas até então podem ser consideradas universais, ao levarmos em consideração a diversidade de saberes e experiências existentes.

Para esse diálogo, os pensamentos de Paulo Freire e de Frantz Fanon, serão importantes, já que buscamos justificar a necessidade de uma abordagem filosófica que vá além das fronteiras impostas pelo pensamento eurocêntrico. Reconhecemos que a construção do conhecimento não pode ser feita isoladamente, mas deve levar em consideração os saberes e perspectivas dos povos indígenas e afro-brasileiros, valorizando a pluralidade de experiências e epistemologias existentes.

Tanto Fanon quanto Freire estão comprometidos com a luta contra as estruturas opressivas e a busca pela libertação dos grupos marginalizados. Ambos reconhecem a importância da conscientização como um primeiro passo para a transformação social. Fanon enfoca a descolonização, enquanto Freire se concentra na pedagogia do oprimido, mas ambos compartilham uma preocupação com a emancipação dos sujeitos e com a superação das formas de opressão.

A educação popular, conforme proposta por Freire, tem uma dimensão decolonial intrínseca, uma vez que busca romper com as narrativas dominantes e valorizar os saberes e experiências das comunidades oprimidas. A educação popular

decolonial se baseia na ideia de que a emancipação só pode ser alcançada por meio da participação ativa dos sujeitos, que se tornam sujeitos de sua própria aprendizagem e agentes de transformação social.

Ao conectar Fanon e Freire na perspectiva da educação popular decolonial, podemos enriquecer nossas práticas educacionais com uma abordagem que reconheça a importância da conscientização crítica, do diálogo horizontal e da valorização dos saberes locais e populares. Essa abordagem permite que as pessoas compreendam a relação entre opressão, colonialismo e desigualdades sociais, incentivando-as a se engajar em processos de transformação pessoal e coletiva.

A junção desses pensadores nos convida a refletir sobre como a educação popular pode ser um caminho para a descolonização, para a promoção da igualdade e para a valorização das identidades culturais. É um convite para quebrar as amarras do pensamento eurocêntrico, reconhecer a diversidade de saberes e experiências existentes e promover uma educação que respeite as especificidades locais, históricas e culturais das comunidades.

Nesse sentido, questionamos os pressupostos que permeiam o ensino de filosofia tradicional, propondo uma abordagem que permita o diálogo intercultural<sup>8</sup> e a desconstrução das estruturas de poder presentes no currículo escolar. Buscamos, assim, criar espaços de reflexão e aprendizado que possibilitem às crianças uma compreensão crítica do mundo, levando em consideração suas próprias vivências e a riqueza dos saberes presentes em suas comunidades.

Ao longo deste capítulo, exploraremos os caminhos possíveis para um ensino de filosofia decolonial para crianças, refletindo sobre as estratégias pedagógicas e os métodos de ensino utilizados. Por meio dessa abordagem, almejamos contribuir para a construção de uma educação mais inclusiva, plural e comprometida com a valorização da diversidade cultural e epistêmica

Vamos, portanto, adentrar nessa jornada filosófica decolonial, buscando ampliar as fronteiras do pensamento e da educação, e proporcionar às crianças ferramentas para questionar, refletir e transformar o mundo ao seu redor.

---

<sup>8</sup> Entendemos a interculturalidade como algo que vai além da simples coexistência de culturas e saberes diferentes. Envolve o reconhecimento das desigualdades de poder e privilégios entre as culturas, além de buscar formas de superar estereótipos e discriminações. Ao incentivar a comunicação aberta, escuta ativa e entendimento mútuo, a interculturalidade busca construir pontes entre as culturas, fomentando relações de respeito.

Ao discutir a universalidade das ideias de Lipman, é relevante considerar as perspectivas de Freire, que argumenta que a educação não pode ser neutra, mas está sempre imersa em contextos políticos, sociais e culturais. Enfatizando a importância de reconhecer os saberes prévios dos estudantes e de promover uma educação libertadora, que leve em conta suas experiências de vida e suas realidades sociais.

Nesse sentido, Freire destaca a importância de reconhecer os saberes prévios dos estudantes e de promover uma educação que valorize suas experiências de vida e suas realidades sociais. Enfatizando a necessidade de uma pedagogia libertadora, que estimule a conscientização crítica dos estudantes, permitindo-lhes refletir sobre as estruturas de opressão e atuar de forma autônoma.

Para nos aprofundarmos na questão da autonomia da qual defendemos, é importante destacar que Lipman e Freire entendem a autonomia de forma distinta. Para Freire, a autonomia está intrinsecamente ligada à consciência crítica e à capacidade dos indivíduos de refletir sobre o mundo em que vivem, questionar as estruturas de poder e tomar ações transformadoras. Freire, acredita que a educação deve capacitar os estudantes sobre a importância de compreensão de sua realidade como ponto de partida para o desenvolvimento da consciência crítica e da capacidade de transformação. Quando uma pessoa compreende sua realidade, ela se torna capaz de identificar os desafios existentes nessa realidade e de levantar hipóteses sobre como enfrentá-los.

É fundamental que os estudantes desenvolvam um senso de responsabilidade e liberdade em relação ao seu próprio processo de aprendizagem. Isso implica assumir a responsabilidade por seus estudos, envolver-se ativamente nas atividades e ter a liberdade de questionar, explorar e construir significados de acordo com suas experiências e perspectivas. No livro *Pedagogia da autonomia*, Freire fala que para uma intervenção no mundo a educação é essencial:

Intervenção que além do conhecimento dos conteúdos bem ou mal ensinados e/ou aprendidos implica tanto o esforço de reprodução da ideologia dominante quanto o seu desmascaramento. Dialética e contraditória, não poderia ser a educação só uma ou só a outra dessas coisas. Nem apenas reprodutora nem apenas desmascaradora da ideologia dominante. (FREIRE, 1996, p. 51)

Já Lipman trata da autonomia a partir da importância do pensamento crítico e do raciocínio filosófico, acredita que a autonomia pode ser alcançada por meio do desenvolvimento das habilidades de questionamento, reflexão e diálogo filosófico. Lipman propõe que os estudantes se envolvam em discussões filosóficas estruturadas,

onde são encorajados a formular suas próprias perguntas, analisar argumentos e construir significados coletivamente.

Ao confrontarmos as ideias de Lipman com as perspectivas de Freire, percebemos que a proposta por Lipman pode negligenciar a diversidade de experiências e contextos dos estudantes. A educação, portanto, não pode ser vista como uma entidade descolada da realidade, mas sim como uma prática política e socialmente situada, que demanda sensibilidade para reconhecer as desigualdades e injustiças presentes.

A questão da suposta universalidade de abordagens filosóficas é crucial e deve ser enfrentada de forma crítica. Concordamos com a visão de Fanon de que as ideias universais muitas vezes mascaram relações de poder e perpetuam formas de dominação e exclusão. Ao tratarmos da ideia de uma suposta universalidade precisa-se questionar e desconstruir para que se possa reconhecer a diversidade de experiências e perspectivas que existem na educação.

Ao explorar a questão política subjacente a essa perspectiva, a questão de se a suposta universalidade é realmente falsa ou se é uma construção política que privilegia determinados grupos e perspectivas, sendo assim, questionar e descentralizar as ideias e conceitos considerados universais, para abrir espaço para a diversidade de vozes e experiências.

A fragmentação da universalidade não significa negar a existência de conceitos compartilhados ou de valores universais, mas sim reconhecer que esses conceitos e valores são construídos social e historicamente e que sua aplicação pode variar de acordo com contextos culturais e sociais específicos.

É fundamental promover a reflexão crítica sobre a suposta universalidade das abordagens filosóficas e buscar uma educação que seja sensível, inclusiva e respeitosa com a diversidade. Isso implica reconhecer as relações de poder, confrontar os discursos hegemônicos e valorizar as diferentes formas de conhecimento e saberes presentes na sociedade.

Ao considerar a filosofia para crianças e a busca pela autonomia, é essencial abordar as contribuições de Freire, que nos alerta sobre a necessidade de uma educação contextualizada, crítica e emancipatória. Dessa forma, podemos caminhar em direção a um ensino de filosofia que seja verdadeiramente inclusivo e sensível às múltiplas perspectivas e realidades dos estudantes.

A lamentável “educação bancária”, como apontada por Freire, afasta o estudante daquilo que poderia ser uma motivação contínua para seu desenvolvimento dentro do espaço escolar. Afinal, essa abordagem nega-lhe a oportunidade de se aproximar de seu educador e estabelecer uma interação essencial para o seu processo educativo e a fluidez de sua aprendizagem. Portanto, concordamos com Freire, ao afirmar que a verdadeira libertação e humanização não pode ser alcançada por meio de um sistema educacional baseado em “depósitos” de conhecimento, como é o caso da educação bancária. Pelo contrário, essa transformação deve ser realizada por meio da práxis a partir de uma ação reflexiva sobre o mundo.

a educação libertadora, problematizadora, já não pode ser o ato de depositar, ou de narrar, ou de transferir, ou de transmitir “conhecimentos” e valores aos educandos, meros pacientes, à maneira da educação “bancária”, mas um ato cognoscente. [...] O antagonismo entre as duas concepções, uma, a “bancária”, que serve à dominação; outra, a problematizadora, que serve à libertação, toma corpo exatamente aí. Enquanto a primeira, necessariamente, mantém a contradição educador-educando, a segunda realiza a superação. (FREIRE 2005, p. 78).

Assim, ao compreender as ideias de Freire, a abordagem filosófica com crianças deve buscar não apenas desenvolver habilidades, mas também promover a conscientização, a transformação social e a formação de cidadãos ativos e reflexivos ainda na infância.

No contexto decolonial, o ensino de filosofia ganha ainda mais destaque, uma vez que devemos desconstruir as narrativas hegemônicas para que seja possível a valorização de saberes e perspectivas marginalizadas. Despolitizar o ensino de filosofia seria perpetuar a falsa universalidade e silenciar as vozes oprimidas.

Portanto, é necessário repensar essa perspectiva que prega a despolitização do ensino da filosofia. Devemos abraçar uma abordagem crítica e emancipatória, em consonância com as ideias de Freire, que reconhece a importância da política na formação dos cidadãos e na construção da sociedade.

Ao analisarmos o programa de Lipman, fica evidente a necessidade de uma reflexão sobre suas limitações em relação a considerar questões epistemológicas dos diferentes contextos em que pode ser aplicado. A filosofia proposta por Lipman parece estar enraizada em um ideal analítico, que prioriza a utilidade e negligencia as particularidades e diversidades.

Para buscar respostas, é importante recorrer a referências teóricas que nos permitam repensar a forma como concebemos o ensino de filosofia. Paulo Freire, por exemplo, nos alerta para a importância de considerar os saberes prévios dos estudantes,



suas experiências de vida e as múltiplas formas de conhecimento presentes em suas comunidades. Essa perspectiva nos convida a adotar uma postura pedagógica que valorize e integre os saberes que são originários a determinada cultura, e na construção do conhecimento.

O pensamento decolonial, influenciado por pensadores como Frantz Fanon, nos convida a romper com os paradigmas dominantes e a questionar as estruturas de poder que perpetuam a marginalização e exclusão de determinados grupos sociais. Nesse sentido, é fundamental considerar a importância dos saberes, que partem de uma visão de mundo e uma e de si mesmo, enriquecendo assim o diálogo filosófico e contribuindo para a construção de uma educação mais plural.

A partir dessa distinção inicial, abre-se espaço para diferentes abordagens sobre como cada filósofo concebe a forma pela qual a filosofia pode ou deve ser orientada às crianças. Lipman desenvolveu uma proposta que busca principalmente proporcionar uma educação voltada ao pensamento, com a utilização de métodos predefinidos, um currículo específico de seus materiais.

Kohan critica o uso desses métodos e sugere uma composição que pode servir como guia para o caminho e a prática filosófica com as crianças, mas permitindo a liberdade de trilhar o percurso das experiências de pensamento.

Podemos perceber essa relação entre filosofia e infância pelo lado dos possíveis: a filosofia e o filosofar são também escuta atenta dos possíveis no pensamento, e a infância é, justamente, pelo menos num sentido, o reino das possibilidades e da ausência de determinação. Quando se entra na filosofia, lê-se sempre no seu frontispício: “Tudo pode ser de outra maneira”. Se não for, não há o que pensar. Por fim, e ainda mais perto desse exercício, a infância é a marca da própria escrita em filosofia, que se antecipa ao escrever, que se escreve antes de saber e para saber. (KOHAN, 2015 p.217).

No artigo intitulado *Visões de filosofia: infância*. Kohan, nos faz refletir que essa relação entre filosofia e infância, é possível perceber uma conexão profunda através da perspectiva dos possíveis. A filosofia e o ato de filosofar são, em si, uma escuta atenta das possibilidades do pensamento. Por sua vez, a infância é um território fértil e aberto, caracterizado pela ausência de determinação e pela abundância de possibilidades.

A infância desempenha esse papel crucial, pois é marcada pela liberdade criativa e pela curiosidade inata. Ela é o terreno onde a escrita da filosofia se antecipa, onde ela emerge antes mesmo de termos total consciência. A escrita filosófica é um processo de busca e descoberta, uma forma de dar forma e significado às nossas indagações mais profundas. É nessa busca que nos encontramos, encontramos respostas e, ao mesmo tempo, nos deparamos com novas perguntas.

A infância é uma metáfora da própria essência da filosofia, que nos convida a nos aventurarmos no desconhecido, a questionarmos o estabelecido e a explorarmos os horizontes do pensamento. É um chamado para olhar além das certezas e abrir espaço para o fluxo constante do questionamento e da reflexão. Assim como a infância é um tempo de possibilidades infinitas, a filosofia nos proporciona um espaço para explorar e desafiar os limites do conhecimento, buscando sempre ampliar nossa compreensão do mundo e de nós mesmos.

Pelas contribuições de Freire, na obra pedagogia da autonomia se destaca a importância de que o papel do professor nos leva a considerar a necessidade de buscar constantemente, e de maneira incessante, aprimorar nossa prática educativa. O professor não pode se acomodar, mas sim se questionar e se reinventar constantemente. Pensar corretamente, do ponto de vista do professor, implica o respeito como ponto de partida para sua superação necessária, quanto o incentivo e o estímulo à capacidade criativa do estudante.

O educador, ao atuar, deve ter um profundo respeito pelos saberes dos estudantes, valorizando os conhecimentos que são socialmente construídos e compartilhados no convívio do cotidiano escolar. Reconhecer e respeitar a diversidade de saberes presentes na sala de aula é essencial para uma educação autêntica e significativa. O professor não deve impor um conhecimento pronto e acabado, mas sim criar um ambiente de diálogo e troca, onde os saberes dos estudantes sejam incorporados ao processo educativo.

Acreditamos que a escola desempenha um papel fundamental na transformação da sociedade. A intervenção da escola na sociedade é capaz de gerar mudanças significativas e construir um futuro melhor. Por meio de uma educação comprometida com o respeito, à inclusão e a valorização dos saberes dos estudantes, podemos contribuir para uma sociedade mais igualitária.

O que se coloca à educadora ou ao educador democrático, consciente da impossibilidade da neutralidade da educação, é forjar em si um saber especial, que jamais deve abandonar, saber que motiva e sustenta sua luta: se a educação não pode tudo, alguma coisa fundamental a educação pode. Se a educação não é a chave das transformações sociais, não é também simplesmente reprodutora da ideologia dominante. (Freire, 2002 p. 57)

Ao refletirmos sobre o trecho em questão, é evidente a problemática da universalização da filosofia para crianças proposta por Lipman, especialmente considerando seus fundamentos na filosofia analítica. Nas sociedades colonizadas, onde

a luta pela valorização e afirmação dos saberes locais é uma realidade, torna-se evidente que o ensino, incluindo a filosofia, não pode ser desvinculado de sua dimensão política.

A proposta de uma filosofia para crianças que seja neutra e despolitizada é insuficiente diante das realidades sociais e históricas de comunidades colonizadas, e Lipman em sua proposta de filosofia para crianças nos evidencia essa perspectiva, ao propor seus métodos analíticos, que trabalha apenas as questões cognitivas, na formulação dos pensamentos. Essas sociedades têm suas próprias epistemologias, suas formas de conhecimento e entendimento do mundo, que foram historicamente marginalizadas e subalternizadas pelo sistema colonial. Portanto, é fundamental considerar a importância de abordagens que levem em conta esses saberes locais e as lutas por sua valorização.

A filosofia, como campo de questionamento e reflexão crítica, precisa reconhecer a especificidade dos contextos e das histórias de opressão. Ela deve ser sensível às dinâmicas coloniais e aos processos de descolonização, buscando promover uma educação que valorize as múltiplas vozes e perspectivas presentes em uma cultura diversa, como a do Brasil.

A ideia de uma filosofia neutra e universalizada tende a perpetuar uma visão hegemônica que silencia as vozes marginalizadas. Ao contrário, é necessário pensar em uma filosofia decolonial, que se engaje com a realidade dos estudantes, abra espaço para a discussão crítica das estruturas de poder e contribua para a construção de um conhecimento mais inclusivo e emancipatório.

Dessa forma, ao refletirmos sobre a filosofia para crianças proposta por Lipman, é fundamental reconhecer que sua suposta universalização é problemática e insuficiente diante das demandas de sociedades colonizadas em busca de autonomia e afirmação de seus saberes. A filosofia, como prática educacional, deve estar enraizada nas realidades locais e contribuir para a descolonização do pensamento.

Nesse sentido, a reflexão sobre a prática educativa nos leva a repensar nossa postura como professores, buscando sempre aprimorar nossa abordagem pedagógica, estabelecendo relações de respeito, confiança e diálogo. É fundamental reconhecer que a aprendizagem é uma via de mão dupla, onde tanto o professor quanto o educando, estão em constante processo de construção do conhecimento.

O professor, enquanto ensina, deve estar aberto ao aprendizado contínuo, indagando-se constantemente sobre sua prática e buscando o desenvolvimento pessoal e profissional, e mais que isso, considerar as experiências de vida e contexto

sociocultural, que os estudantes vivenciam. Enfatizando a necessidade de criar um ambiente de diálogo e respeito mútuo, no qual as crianças possam expressar suas ideias e questionamentos.

Destacando o reconhecimento e o estímulo à prática do ensino de filosofia para crianças, a UNESCO reconhece que o ensino da filosofia contribui para que os estudantes pensem por si mesmos, desenvolvam uma cidadania reflexiva, promovam o seu desenvolvimento e adquiram competências linguísticas através do diálogo.

Em artigo publicado, intitulado: *Filosofia con y para niños y niñas*<sup>9</sup>, a professora de filosofia Irene de Puig, aborda que a filosofia se dedica a questionar, buscando encontrar respostas por meio da razão. É um conhecimento que se caracteriza por uma reflexão sobre questões relacionadas ao conhecimento, ação, teoria e prática.

No mesmo artigo, Puig aponta que a UNESCO possui uma longa trajetória de relação com o ensino da filosofia, uma vez que, enfatizou o papel da filosofia na conscientização dos problemas fundamentais da ciência, da cultura, bem como no surgimento de uma reflexão fundamentada sobre o futuro da condição humana.

En cambio, hoy y al menos des del 2007 su práctica es reconocida y alentada por la UNESCO. Algunos de los argumentos se pueden resumir:

- Pensar por sí mismo
- Educación para una ciudadanía reflexiva
- Ayuda al desarrollo del niño
- Facilita la competencia en lengua oral a través del diálogo
- Ayuda a conceptualizar (PUIG, 2019, p. 336).

Nesse sentido, a filosofia se apresenta para as crianças, como um campo de indagação que busca compreender profundamente a realidade sobre os fundamentos que sustentam nossas concepções e práticas. A filosofia, ao introduzir-se no universo infantil, proporciona uma oportunidade para que as crianças questionem, reflitam e construam seu conhecimento de forma autônoma e consciente.

A reflexão acerca da pluriversalidade, nos convida a reconhecer as transformações e reconfigurações das relações de poder e das dinâmicas que permeiam as disputas em torno dos cânones, currículos e critérios de avaliação na educação. É uma abordagem que busca revitalizar perspectivas esquecidas, problematizar os padrões estabelecidos, reconfigurar e ampliar os currículos, repensar os exames e desafiar as estruturas que impõem um suposto conhecimento estabelecido como norma, relegando aqueles que não o dominam a uma posição de exclusão.

---

<sup>9</sup> Artigo publicado na revista: *Quadranti – Rivista Internazionale di Filosofia Contemporanea* – Volume VII, nº 1-2, 2019 – ISSN 2282-4219.

A partir das leituras de Ramose (1999, 2010, 2011), entendemos a pluriversalidade como a assunção da primazia das particularidades específicas na configuração dos saberes. A pluriversalidade é o reconhecimento de que todas as perspectivas devem ser válidas; apontando como equívoco o privilégio de um ponto de vista. Com efeito, cabe-nos sustentar que a filosofia é um exercício pluriversal de pensamento; objetando sua universalidade. (NOGUEIRA, 2012 p.64).

Através dessa abordagem, é possível romper com as fronteiras estabelecidas e explorar novas formas de aprendizado, que valorizem a diversidade de perspectivas e estimulem a participação ativa dos estudantes. Assim, a sala de aula se transforma em um espaço de encontro, diálogo e experimentação, onde as fronteiras entre disciplinas e habilidades se diluem, permitindo que os estudantes possam se expressar e aprender de maneiras múltiplas e criativas.

Ao buscar resgatar saberes marginalizados, promover a inclusão e proporcionar um ambiente de aprendizagem enriquecedor, possibilita o reconhecimento e valoriza os diferentes saberes e expressões.

A questão da educação certamente vai além da marginalização de alguns saberes. Ela envolve preocupações sociais e políticas que permeiam todo o sistema educacional. A marginalização de saberes é apenas uma manifestação de desigualdades mais profunda que experimenta a educação como um todo.

É importante reconhecer que a educação está inserida em um contexto mais amplo, que inclui relações de poder, hierarquias sociais, questões de classe, gênero, raça e outras formas de opressão. A desigualdade de acesso à educação de qualidade, a falta de representatividade e a reprodução de ideologias dominantes são apenas alguns dos problemas que perpassam o sistema educacional.

Portanto, para abordar de forma adequada a questão da educação, é necessário ir além da marginalização de saberes e olhar para as estruturas e dinâmicas que perpetuam essas desigualdades. Isso envolve a análise crítica das políticas educacionais, a valorização da diversidade de saberes, a promoção de uma educação inclusiva e a conscientização sobre as relações de poder presentes no ambiente educacional

São questões complexas e multidimensionais, e é preciso abordá-la de maneira abrangente, considerando as diferentes classes de desafios e buscando soluções que promovam uma educação mais justa, equitativa e emancipatória.

Dessa forma, a educação se torna um espaço de transformação social, onde o respeito à pluralidade de vozes e experiências é valorizado e promovido, e isso é certamente um ideal louvável. Em contrapartida, para considerarmos a perspectiva da

decolonialidade, é necessário questionar se a educação como se encontra hoje no Brasil teria a capacidade de efetivamente alterar a realidade.

A estrutura educacional brasileira ainda é marcada por essas desigualdades e reproduções de ideologias dominantes. As relações de poder, as hierarquias sociais e as opressões estão presentes nas instituições de ensino, influenciando os currículos, as práticas pedagógicas.

Para que a educação realmente se transforme em um espaço de decolonialidade e valorização da pluralidade, é necessário um esforço coletivo e contínuo de repensar as estruturas existentes, desafiar as ideias dominantes e buscar práticas pedagógicas mais inclusivas, críticas e emancipatórias.

Por sua vez, Fanon, critica o eurocentrismo e a imposição de padrões culturais dominantes sobre outras culturas.

Existe ainda hoje, uma negação da humanização e produção de saberes nos grupos “minoritários” e marginalizados que, a partir do silenciamento, é reduzida a mero objeto, privado de ser reconhecido como sujeito atuante. O corpo se torna proibido, incapaz de expressar-se livremente de acordo com seus desejos, pois é forçado a seguir as regras impostas sem questionar, como as aprendidas na escola, por exemplo. É dentro das instituições escolares que a cultura dominante é legítima, ao mesmo tempo em que outras culturas são excluídas. Podemos afirmar que os indivíduos pertencentes a culturas menos privilegiadas enfrentam a experiência de interdição, da tolerância de seus corpos, quando são "domesticados" por aqueles que pertencem à classe dominante.

Para Fanon, a domesticação do corpo é um conceito central em sua análise do colonialismo e do racismo. Ele descreve como as estruturas coloniais impõem padrões de comportamento, da estética e da identidade cultural que negam a autonomia e a proteção dos corpos das pessoas colonizadas. Essa domesticação ocorre por meio de processos de assimilação forçada, característica racial, estereotipação e repressão cultural.

Ao domesticar os corpos, o colonialismo busca exercer controle sobre suas vidas e subjugar-los às normas e valores da cultura dominante. Essa violência e física imposta aos corpos tem o objetivo de manter as estruturas de poder e preservar a supremacia da classe dominante.

É de extrema importância considerar a crítica decolonial de Fanon e a necessidade de incluir e valorizar os saberes dos povos tradicionais na educação. Isso implica reconhecer a diversidade de formas de conhecimento e de pensamento presentes

nas diferentes culturas, promovendo uma educação que respeite e valorize essas perspectivas.

A partir disso, é necessário uma abordagem reflexiva que questione as estruturas de poder que moldam as formas como pensamos e agimos no mundo. Essa abordagem busca descolonizar a mente principalmente dos educadores, para que no processo de ensino, algumas limitações não cheguem às crianças, e isso, desafia as narrativas dominantes que reforçam a hierarquia de conhecimento e a superioridade cultural de alguns grupos em relação a outros.

Repensar a educação pode representar um exercício intercultural, uma renovação existencial aberta à pluriversalidade. Um exemplo disso ocorre no Brasil, onde diversos setores do Movimento Negro, por meio de estratégias, lutas e reflexões, desempenharam um papel fundamental na formulação da Lei 10.639/2003, que trata do Ensino de História e Cultura Afro-Brasileira e Africana. E mais tarde, a Lei 11.645/2008, contemplando o Ensino de História e Cultura Afro-Brasileira, Africana e Indígena, resultado das articulações dos povos indígenas.

Essas leis estabeleceram a introdução e a modificação do Art. 26-A da Lei 9.394/1996, conhecida como Lei de Diretrizes e Bases da Educação Nacional (LDB). Dessa forma, ficou estabelecido que os estudos sobre Histórias e Culturas Afro-Brasileira, Africana e Indígena são obrigatórios em todas as modalidades e níveis de ensino.

É fundamental questionar e problematizar essa visão de unidade da filosofia, buscando reconhecer a riqueza e diversidade de tradições filosóficas presentes no contexto da sociedade brasileira. Valorizar e incorporar perspectivas não-ocidentais amplia nossa compreensão do campo filosófico, permitindo uma abertura para diálogos interculturais e uma pluralidade de vozes e conhecimentos.

Acreditamos ser fundamental questionar e problematizar a visão de unidade da filosofia, pois essa concepção muitas vezes se baseia em uma perspectiva eurocêntrica, que privilegia os pensadores e correntes filosóficas do mundo ocidental. Ao reconhecer e encarar as perspectivas não ocidentais, ampliamos nossa compreensão do campo filosófico e rompemos com a hegemonia do pensamento eurocêntrico.

Renato Nogueira em seu livro, *O ensino de Filosofia e a Lei 10639*, pontua que:

O conhecimento é um elemento chave na disputa e na manutenção de hegemonia. Sem dúvida o estabelecimento do discurso filosófico ocidental como régua privilegiada do pensamento institui uma desigualdade epistemológica. Essa injustiça cognitiva é capaz de definir status, formar opinião e excluir uma quantidade indefinida de trabalhos intelectuais. Nossa

leitura é que o racismo é um elemento decisivo para o entendimento do epistemicídio e seus efeitos. A nossa leitura é que o racismo antinegro está atrelado à recusa da filosofia africana. (NOGUERA, 2014, p.23)

A implicação desse discurso é uma concepção limitada de filosofia, que acaba por restringir e silenciar os saberes reflexivos produzidos além do contexto ocidental, excluindo-os da trajetória dessa matriz de pensamento. Essa abordagem, muitas vezes, resulta em um epistemicídio, uma negação e apagamento dos conhecimentos e perspectivas que emergem de outras culturas e tradições filosóficas. Ao estabelecer uma definição restritiva, reforça-se uma hierarquia do conhecimento que desvaloriza e marginaliza esses saberes, perpetuando a hegemonia do pensamento ocidental e contribuindo para a reprodução de desigualdades epistêmicas.

A filosofia, como campo de indagação e reflexão crítica, deve ser inclusiva e plural, acolhendo diferentes perspectivas e contribuindo para a construção de um conhecimento mais abrangente.

O pensamento decolonial de Fanon parte da ideia de que a colonização não apenas dominou e explorou os povos colonizados, mas também, os aliena de sua própria cultura e história. O livro "Pele negra, máscaras brancas", realiza uma reflexão profunda e certa sobre as dinâmicas raciais, identitárias e psicológicas presentes nas sociedades colonizadas:

Cheguei ao mundo pretendendo descobrir um sentido nas coisas, minha alma cheia de desejo de estar na origem do mundo, e eis que me descubro objeto em meio a outros objetos. (...) logo o outro, através de gestos, atitudes, olhares, fixou-me como se fixa uma solução com um estabilizador. (Fanon, 2008, p.103)

Fanon argumenta que a colonização não é apenas uma relação de poder entre duas culturas, mas uma relação violenta em que uma cultura se impõe sobre a outra e anula a sua identidade. A colonização não apenas despoja os povos colonizados de suas riquezas e recursos, mas também os desumaniza, reduzindo-os a objetos da vontade colonial.

Ao refletir sobre o tema do ensino de filosofia decolonial para crianças, podemos nos inspirar na perspectiva existencialista, que tem uma estreita relação com as ideias de Fanon. De acordo com essa visão, a existência precede a essência, o que implica que não existe uma essência humana pré-determinada, seja ela relacionada à cor da pele ou a qualquer outra característica. Essa perspectiva nos convida a pensar que a



criança não nasce com uma identidade fixa, mas vai construindo sua humanidade ao longo de sua jornada de vida.

A existência precede a essência. Isso implica, de forma resumida, que o indivíduo não nasce humano, mas se torna humano através de suas experiências ao longo da vida. É no convívio com outros seres humanos que alcançamos nossa humanidade, é com essa interação que nos humanizamos. Ao compartilhar experiências e nos definir em relação aos outros, vamos delineando nossa própria identidade.

A compreensão de que não há uma essência humana desde o nascimento nos desafia a superar estereótipos e preconceitos que permeiam a relação de saberes das crianças, especialmente no que diz respeito à diversidade e à pluralidade de experiências infantis. Reconhecer que as crianças estão em constante processo de formação de sua humanidade nos impulsiona a criar espaços educacionais que valorizem suas vozes, suas histórias e suas identidades.

Ao abraçarmos essa perspectiva, estamos abertos a reconhecer a complexidade e a individualidade de cada criança, respeitando suas múltiplas dimensões e permitindo que elas se expressem. Compreendemos que a infância é um período crucial em que as crianças exploram, questionam e moldam sua visão de mundo, e é papel dos educadores proporcionar um ambiente acolhedor e inclusivo que promova sua autenticidade e autonomia.

Ao reconhecermos que as crianças estão em constante processo de construção de sua humanidade, assumimos a responsabilidade de oferecer a elas oportunidades de aprendizagem significativas, que estimulem seu pensamento crítico, sua criatividade e capacidade de reflexão. Devemos fomentar o diálogo, o questionamento e a busca pelo conhecimento, incentivando as crianças a desenvolverem uma visão de si mesmas e do mundo baseada na abertura, na empatia e no respeito mútuo.

Nessa perspectiva, o ensino de filosofia para crianças, em especial o pensamento decolonial, desempenha um papel fundamental. Através da filosofia, as crianças têm a oportunidade de explorar questões existenciais, éticas e sociais, refletindo sobre o significado da vida e das relações humanas. Ao estimulá-las, em reflexões filosóficas, estamos proporcionando um espaço reflexivo para que elas expressem suas ideias, desenvolvam habilidades argumentativas e construam um pensamento crítico e reflexivo.

Para Fanon, a luta pela libertação é principalmente uma luta política, que deu origem à discussão de reparação de direitos, mas também uma luta pela reparação da

identidade cultural e pela construção de uma nova subjetividade. A libertação é uma condição necessária para a realização da emancipação psicológica e cultural dos povos colonizados.

Em reflexão com uma fala de Ailton Krenak, no primeiro episódio da série documental "Guerras do Brasil" (2019), intitulado "Guerra da Conquista". Nos ajuda a compreender as múltiplas perspectivas e narrativas que permeiam essa parte importante da história do Brasil: “Tinha gente aqui, com história, alguns com história de 2000 anos. Os guaranis – hoje se atesta – que tinham uma história de 4000 anos de compreensão de si como povos” ( Krenak, Guerras do Brasil, 2019).

Refletindo sobre o trecho acima mencionado, podemos perceber como a desvalorização da história e da perspectiva dos povos nativos é uma manifestação do eurocentrismo, que é a postura de considerar a Europa como o centro de referência do desenvolvimento da história mundial, atribuindo primazia a essa sociedade e sua cultura em detrimento das demais partes do mundo, que são consideradas inferiores em vários aspectos.

Na verdade, o eurocentrismo surge como uma característica intrínseca da Modernidade a partir do encontro entre o europeu e o ameríndio. A forma como o europeu encarou esse encontro e conduziu essa experiência teve e continua tendo um papel determinante na maneira como nos relacionamos, vivemos, pensamos e sentimos até hoje. O eurocentrismo, baseado na crença da superioridade europeia, fundamentou toda a violência e dominação sobre os povos originários dos territórios colonizados, inicialmente de forma sistemática na América e, posteriormente, na África e Ásia.

Essa perspectiva eurocêntrica perpetua estereótipos e preconceitos em relação aos povos colonizados, desvalorizando suas culturas, conhecimentos e formas de vida. Essa hierarquia de conhecimentos e a imposição de uma visão de mundo eurocêntrica resultaram em graves consequências sociais, políticas e culturais para os povos colonizados.

É importante reconhecer que o eurocentrismo não é apenas uma visão de mundo do passado, mas algo que continua a influenciar as estruturas sociais e o pensamento contemporâneo. Ainda hoje, vemos resquícios dessa mentalidade eurocêntrica, seja na forma como a história é ensinada nas escolas, seja nas representações culturais predominantes ou na própria estrutura do conhecimento acadêmico.

Desconstruir o eurocentrismo é fundamental para a promoção da justiça social, da equidade e do reconhecimento das diversas perspectivas e saberes. É necessário

valorizar a história e a cultura dos povos nativos, dando voz e espaço para suas narrativas e contribuições. Somente assim poderemos avançar em direção a uma sociedade mais inclusiva e plural, em que todas as formas de conhecimento sejam respeitadas e valorizadas.

Em relação aos saberes indígenas e suas filosofias, é fundamental reconhecer a riqueza e a profundidade desses conhecimentos ancestrais. A filosofia indígena é uma forma de compreender e interpretar o mundo, uma cosmovisão que engloba a relação harmoniosa com a natureza, a espiritualidade, a coletividade e o respeito às diferentes formas de vida.

No ensino de filosofia com crianças, é essencial incluir os saberes indígenas e suas filosofias como parte integrante do currículo. Isso permitirá que as crianças entrem em contato com diferentes formas de pensar e compreender o mundo.

Uma abordagem pedagógica adequada seria trazer para a sala de aula histórias, mitos e narrativas indígenas, permitindo que as crianças se envolvam e se conectem com essas tradições. Por meio dessas histórias, as crianças podem aprender sobre valores como respeito, cooperação, responsabilidade e equilíbrio com a natureza.

## 5. CONCLUSÕES E APONTAMENTOS PARA O FUTURO

Ao adotar uma perspectiva decolonial no ensino de filosofia para crianças, buscamos questionar e desestabilizar as narrativas dominantes, as hierarquias de conhecimento e as formas de opressão presentes na sociedade. Reconhecemos a importância de explorar filosofias além da perspectiva ocidental, de valorizar a pluralidade de vozes e de promover a reflexão crítica sobre a história e as relações de poder.

No entanto, não devemos nos limitar a essa perspectiva decolonial como um fim em si mesma. O objetivo último deve ser a transformação e a superação das estruturas de opressão, em direção a um contexto em que todas as crianças e, conseqüentemente todas as pessoas, tenha acesso a uma educação filosófica que promova a conscientização, a autonomia e a reflexão crítica social.

É fundamental reconhecer que a perspectiva decolonial deve ser um estágio transitório, uma ferramenta para desafiar o status quo e abrir caminhos para uma educação mais inclusiva e emancipatória. Nesse sentido, devemos nos comprometer com a constante reavaliação e revisão de nossas abordagens, buscando ampliar os horizontes e integrar diferentes perspectivas epistemológicas e metodológicas.

Para isso, ao considerarmos a necessidade de desenvolver materiais didáticos para o ensino de filosofia decolonial para crianças, de fato enfrentamos alguns desafios. No entanto, é possível e essencial adaptar as estratégias pedagógicas de forma ampla e criativa.

Uma possibilidade interessante é a criação de jogos e atividades que explorem os conceitos filosóficos indígenas, africanos e afro-brasileiros, de maneira lúdica e acessível às crianças. Esses jogos poderiam ser desenvolvidos em parceria com membros das próprias comunidades, buscando preservar suas tradições ao valorizar esses conhecimentos.

Essa abordagem permitiria que as crianças entrassem em contato direto com os saberes filosóficos dessas culturas, por meio de experiências práticas e divertidas. Os jogos poderiam explorar temas como a relação com a natureza, a importância da comunidade, a espiritualidade e a busca pelo equilíbrio.

Além disso, os materiais didáticos poderiam incluir histórias, contos e mitos que reflitam os conceitos filosóficos dessas tradições. As crianças poderiam explorar essas narrativas e, a partir delas, desenvolver reflexões e diálogos sobre questões éticas, sociais e existenciais.

É fundamental que esses materiais sejam desenvolvidos em colaboração com as próprias comunidades, respeitando e valorizando seus conhecimentos e visões de mundo. Dessa forma, estaremos promovendo uma abordagem verdadeiramente decolonial, que reconhece a importância da autoria e do protagonismo dessas culturas.

Adaptar os conceitos filosóficos indígenas, africanos e afro-brasileiros para uma linguagem acessível às crianças requer sensibilidade e cuidado. Os jogos e atividades devem ser desenvolvidos de forma a estimular a curiosidade, o pensamento crítico e a empatia nas crianças, respeitando sua capacidade de compreensão e promovendo a valorização da diversidade cultural desde cedo.

Portanto, ao criarmos materiais didáticos para o ensino de filosofia decolonial para crianças, estamos proporcionando uma educação mais inclusiva, que amplia o repertório filosófico das crianças e promove o respeito e a valorização das diferentes tradições culturais. Estamos construindo bases sólidas para uma sociedade mais justa, plural e consciente de sua diversidade.

Outra possibilidade seria a criação de mais livros e materiais didáticos que apresentem filósofos e filósofas, assim como a *coleção filosofinhos*, mostrando as suas contribuições para a história da filosofia e para o pensamento crítico. Esses materiais poderiam abordar temas como a importância da tradição oral e da história para a construção do conhecimento, a importância da coletividade e do cuidado mútuo, entre outros.

Assim, a importância dos estudos da decolonialidade reside não apenas em sua aplicação imediata, mas na sua capacidade de nos levar além, de nos impulsionar em direção a uma educação filosófica que seja verdadeiramente transformadora e comprometida com a justiça social, aqui na América-Latina. Devemos avançar em direção a um estado de consciência crítica e ação que transcenda os limites de qualquer perspectiva específica, abrindo espaço para a criação de um ambiente educacional mais inclusivo, plural e igualitário.

Então, por que não adotarmos o ensino de uma filosofia decolonial pensada para crianças?

Ao fazê-lo, estaremos construindo bases sólidas para uma educação transformadora, capaz de romper com os paradigmas estabelecidos e promover uma sociedade mais justa e igualitária. Abraçar essa oportunidade e oferecer às crianças uma educação que as prepare para enfrentar os desafios do mundo contemporâneo e contribuir para a construção de um futuro melhor para todos

Embora a implementação de uma filosofia decolonial no ensino para crianças seja um passo importante, é preciso reconhecer que isso por si só não resolverá todas as questões que a América Latina enfrenta. A colonialidade é um fenômeno complexo e enraizado em diferentes aspectos da nossa cultura, história e estruturas sociais

A pergunta nos desafia a olhar além da implementação isolada de uma filosofia decolonial no ensino para crianças e nos instiga a buscar uma transformação mais ampla em nossas sociedades. É um chamado para ação coletiva, para repensar nossas práticas e lutar por uma América Latina verdadeiramente descolonizada.

## 6. BIBLIOGRAFIA

ALONSO SALAS, Ángel. **Tercer Desafío: Confiar en las capacidades de los NNA y comprometerlos con el desarrollo de sus habilidades de pensamiento.** In: MADRIGAL ROMERO, Ma. del Socorro; DÍAZ HERRERA, Patricia; ECHEVERRÍA, Eugenio et al. (Orgs.). **FILOSOFÍA PARA NIÑAS Y NIÑOS EN MÉXICO: Un horizonte de diálogo, libertad y paz.** México: Editorial Torres Asociados, 2020. p. 145-154.

ARIES, Philippe. **História Social da Criança e da Família.** Rio de Janeiro: LTC, 2006.

CAVALCANTE, Emanuel Bernardo Tenório. **O conceito de adultocentrismo na história: diálogos interdisciplinares.** Disponível em: [https://www.researchgate.net/publication/360096782\\_O\\_conceito\\_de\\_adultocentrismo\\_na\\_historia\\_dialogos\\_interdisciplinares](https://www.researchgate.net/publication/360096782_O_conceito_de_adultocentrismo_na_historia_dialogos_interdisciplinares). Acesso em: 03 mai. 2023.

FANON, Frantz. **Pele negra, máscaras brancas.** Salvador: EDUFBA, 2008.

FORNET-BETANCOURT, R. **Interculturalidade, migração e educação no mundo contemporâneo.** ETD - Educação Temática Digital, [S. l.], v. 23, n. 3, p. 581–591, 2021. DOI:10.20396/eta.v23i3.8664068.

FREIRE, Paulo. **Pedagogia do oprimido.** São Paulo: Paz e Terra, 1974.

FREIRE, Paulo. **Pedagogia da Autonomia.** 25<sup>a</sup> ed. São Paulo: Paz e Terra, 1996.

KOHAN, Walter O. & WUENSCH, Ana Míriam (orgs.) **Filosofia para crianças: a tentativa pioneira de Matthew Lipman.** Petrópolis: Vozes, 2000. (Col. Filosofia na Escola, vol. 1).

LIPMAN, Matteus. **Jogos cotidianos e lições metafísicas.** Entrevista concedida à CARVALHO, Bernardo, Folha de São Paulo. Disponível: [http://almanaque.folha.uol.com.br/entrevista\\_filosofia\\_matthew\\_lipman.htm](http://almanaque.folha.uol.com.br/entrevista_filosofia_matthew_lipman.htm). Acesso: 17.04.2023.

LIPMAN, Mathew. **A Filosofia vai à Escola.** São Paulo: Summus, 1990.

LIPMAN, M. SHARP, A. & OSCANIAN, F. S. **A Filosofia na Sala de Aula.** São Paulo: Nova Alexandria, 1994.

LIPMAN, Matthew. **Escribir: cómo y por qué. Libro de apoyo para el docente para acompañar a Suki.** São Paulo: Edições Loyola, 1999.

LIPMAN, Matthew. **El descubrimiento de Harry.** Madrid: Ediciones de la Torre, 1988.

MURARO, D. N. ; SOUSA, C. J. **O filosofar na educação básica em uma comunidade de investigação.** Revista do NESEF V. 8 – N. 2 – AGO./DEZ. 2019.

POSTMAN, Neil. **O desaparecimento da infância**. Tradução: Susana Menescal de Alencar Carvalho e José Laurenio de Melo. Rio de Janeiro: Graphia, 1999.

QUINTON, Anthony. **Filosofia analítica**. Disponível em: [https://criticanarede.com/fil\\_filanalitica.html](https://criticanarede.com/fil_filanalitica.html). Acesso em: 215 mai. 2023.

RIBEIRO, Katiúscia; MOREIRA JR., Valter Duarte. **Análises e reflexões afrocêntricas acerca da educação filosófica**. Revista Sul-Americana de Filosofia e Educação. Número 31: mai.-out./2019, p.87-100.

SILVA, Marcos. Philippe Ariès: **Um historiador marginal**. Departamento de História Universidade Federal de Sergipe, Sergipe, Disponível em: <https://pt.slideshare.net/simonelanden/philippe-aris-um-historiador-marginal>. Acesso em: 07.Abril.2023.